



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**ORÍGENES NO CÓDICE 8 DA *BIBLIOTECA* DE FÓCIO:
UMA ANÁLISE DAS POLÊMICAS SOBRE A TRINDADE**

Jennifer Gomes de Azevedo

Rio de Janeiro
2022

JENNIFER GOMES DE AZEVEDO

ORÍGENES NO CÓDICE 8 DA *BIBLIOTECA* DE FÓCIO:
UMA ANÁLISE DAS POLÊMICAS SOBRE A TRINDADE

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras na habilitação Português/Grego.

Orientadora: Profa. Dra. Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

Azevedo, Jennifer Gomes de.

Orígenes no códice 8 da Biblioteca de Fócio: uma análise das polêmicas sobre a Trindade / Jennifer Gomes de Azevedo – 2022.

Total de folhas (45 f.)

Orientadora: Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk.

Monografia (graduação em Letras, habilitação Português – Grego) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. Licenciatura em Letras: Português — Grego, 2022.

Bibliografia: f. 45-46.

1. Trindade. 2. Teologia. 3. Hipóstases. I —Azevedo, Jennifer Gomes de. II — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2022) III. Título.

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Sobre Orígenes de Alexandria e Fócio	7
1.1. Fócio de Constantinopla	7
1.2. Orígenes de Alexandria	10
2. Orígenes na Biblioteca de Fócio	15
2.1 O contexto histórico e cultural de Orígenes	15
2.2 A obra de Orígenes: <i>Tratado sobre os princípios</i>	20
2.3 Tradução do códice 8	22
2.4 A crítica de Fócio	27
3. O Uno de Plotino e os apologistas	32
3.1 Orígenes e o neoplatonismo	32
3.2 As apologias de Orígenes na <i>Biblioteca</i>	39
4. Considerações finais	43
Referências Bibliográficas	45

INTRODUÇÃO

A motivação para este trabalho surgiu inicialmente por ocasião de uma disciplina optativa, cursada durante a graduação sobre polêmicas entre autores cristãos e pagãos na Antiguidade. De igual importância neste processo, foi a participação no projeto de extensão do NDLC (Núcleo de Documentação de Línguas Clássicas) junto à Biblioteca Nacional, porque uma das obras que foram catalogadas pelo grupo foi a *Biblioteca* de Fócio – patriarca ecumênico do IX século –, uma edição de David Hoeschel, de 1653¹. Diante da constatação da importância dessa obra para o estudo de autores clássicos e bizantinos, surgiu, então, a ideia do projeto de tradução da *Biblioteca* de Fócio².

Ainda, por conta do acordo internacional entre a UFRJ e a Universidade de Bari na Itália, o projeto de tradução da *Biblioteca* de Fócio teve a oportunidade de estabelecer uma parceria com a editora italiana Edizioni della Normale de Pisa, por meio do seu editor prof. Dr. Nunzio Bianchi (Università degli Studi di Bari Aldo Moro), pela qual adquiriu o direito de usar como base textual para as traduções a edição grega com a tradução comentada da obra em italiano (2019), produzida pelos professores dessa universidade, a mesma que será usada neste trabalho. Basicamente esse foi o contexto em que nasceu a ideia dessa pesquisa.

Em relação à temática escolhida, o trabalho trata da polêmica apresentada no códice 8 da *Biblioteca*, no qual Fócio (810 d.C - 893 d.C) critica a obra teológica *Tratado sobre os princípios*, de Orígenes de Alexandria (185 d.C - 253 d.C). A partir da tradução desse códice, a pesquisa se concentrou no comentário de Fócio sobre o tema da Trindade, que se encontra no livro I dessa obra de Orígenes. Assim sendo, o trabalho busca compreender o motivo para tal crítica, considerando o contexto histórico, político e religioso em que esses textos foram produzidos.

Ademais, também procura-se compreender o que a doutrina da Trindade, formulada por Orígenes em *Tratado sobre os princípios*, realmente significava e, para isso, também

¹ HOESCHEL, David. *Phôtiou Myriobiblon, ê Bibliothêkê. Photii Myriobiblon, sive Bibliotheca*. Rothomagi [Rouen]: Sumpt. Ioan. et Davidis Berthelin, Fratr. [Jean Berthelin e David Berthelin], 1653.

² O projeto de pesquisa de tradução da *Biblioteca* de Fócio é coordenado pelos professores, Dr. Pedro Martins, Dra. Simone Bondarczuk e o Dr. Ticiano Lacerda e está vinculado ao NEC (Núcleo de Estudos Clássicos), pertencente à Fundação Biblioteca Nacional, que foi idealizado pelos professores Fábio Frohwein de Salles Moniz e Rainer Guggenberger do qual fazem parte também os professores acima citados.

investigou-se a influência do contexto filosófico neoplatônico, mais especificamente, a filosofia do Uno de Plotino, em voga naquele momento.

Desse modo, a investigação tem como objetivo mostrar as implicações por trás da crítica feita por Fócio, tendo em vista sua relação com a Igreja e a influência dessa mesma em sua tomada de opinião em relação a Orígenes, cujas ideias teológicas foram condenadas pela igreja no século V d. C³. Ao mesmo tempo, procura-se evidenciar os pontos em comum entre a doutrina trinitária de Orígenes e a filosofia pagã, especificamente o Neoplatonismo, extremamente relevante em sua formação acadêmica e, além disso, como o contexto religioso também influenciou o pensamento de Orígenes e os seus críticos.

Para tal fim, como metodologia, procedeu-se à tradução feita do grego para o português do códice 8 da *Biblioteca*, além da leitura e análise dos textos já mencionados, a *Biblioteca* de Fócio e o *Tratado sobre os princípios* de Orígenes de Alexandria. Ademais, também foram usados como base para o desenvolvimento das análises e argumentos aqui discutidos, textos escritos por estudiosos dos autores e assuntos abordados, como apontados nas referências bibliográficas.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No capítulo 1, há uma breve síntese da biografia de Fócio e Orígenes, assim como do contexto histórico em que se encontravam. No capítulo 2, três tópicos são investigados: (1) a produção, tradução e organização do *Tratado sobre os princípios*, assim como as principais causas para a sua formação; (2) a tradução e os comentários do códice 8 da *Biblioteca* de Fócio, assim como uma breve análise sobre a organização geral da *Biblioteca* e sua composição; (3) o questionamento dos possíveis motivos para a crítica de Fócio, levando em conta a sua relação com a Igreja romana. O capítulo 3 investiga dois tópicos: (1) os pontos de contato entre o pensamento originiano sobre a Trindade e a doutrina do Uno na filosofia plotiniana, no que diz respeito à doutrina das hipóstases e o subordinacionismo; (2) uma análise resumida das apologias escritas sobre Orígenes, como encontradas nos códices 117 e 118 da *Biblioteca*.

³ Todas as datas deste trabalho daqui em diante referem-se ao período depois de Cristo.

1. Sobre Orígenes de Alexandria e Fócio

Antes de se investigar as nuances da polêmica entre Fócio e Orígenes no códice 8 da *Biblioteca*, deve-se examinar a vida desses dois autores e a situação histórica em que viviam quando escreveram suas obras. Dessa forma, pretende-se esclarecer as influências sobre suas ideias e as motivações para escreverem as suas obras.

Dois aspectos sobre suas vidas serão apresentados com maiores detalhes: a cerca de Fócio, será analisada a sua relação com a Igreja Cristã e seu papel na relação entre a Igreja Oriental e Ocidental durante a sua atividade como patriarca; sobre Orígenes, será destacada a sua formação acadêmica, principalmente, a sua relação com a filosofia pagã.

1.2. Fócio de Constantinopla

O patriarca ecumênico Fócio I de Constantinopla (810 d.c - 893 d.c), reconhecido pela Igreja Ortodoxa como São Fócio, o Grande. Segundo N.G Wilson (1983, p.89) em seu livro *Scholars of Byzantium*, Fócio é considerado a figura mais importante na história dos estudos clássicos em Bizâncio. A sua importância se deve, principalmente, ao fato de ser a pessoa que mais leu literatura antiga desde seu tempo. Além disso, “ele amava livros e foi o inventor da resenha de livro” (CHADWICK, 1997, p. 127)⁴. Não é por acaso, afinal, que sua obra *Biblioteca*, coletânea de resumos sobre diversas obras da antiguidade, foi ‘redescoberta’ é estudada até hoje.

Diferente de Orígenes, não há muitas fontes acerca da educação e criação de Fócio e as que existem foram escritas por seus opositores, o que as fazem serem hostis e pouco confiáveis. Porém, sabe-se que o Fócio nasceu em 810, em uma família abastada e aristocrática, além de também de ser sobrinho do patriarca Tarásio de Constantinopla, que cumpriu sua função dos anos 784 até 806. Portanto, Fócio teve acesso à uma educação de elevado status, o que condiz com seu vasto conhecimento erudito e teve como um de seus mestres o erudito e antigo patriarca Gregório Abestas, um oponente de Inácio⁵, responsável por tirá-lo do patriarcado.

⁴ Tradução da autora. “(...) he loved books and was inventor of the book-review.”

⁵ Patriarca de Constantinopla entre 847 a 858 e entre 867 até sua morte, em 877. Foi um dos principais opositores de Fócio na disputa pelo patriarcado da Igreja de Constantinopla.

Antes de dedicar a vida à Igreja, Fócio primeiramente foi servidor público, chegando a servir como o chefe da chancelaria imperial e, até mesmo, faz-se menção a uma embaixada em Bagdá por volta de 855. Em 858, ainda um leigo, ou seja, não era membro do clero ou da hierarquia eclesiástica, Fócio é eleito como patriarca contra a sua vontade e permanece no cargo até 867. Esse fato ocorreu após o Imperador Miguel III, o Ébrio, depôr o patriarca Inácio de Constantinopla. Ocorre, então, uma disputa entre os dois patriarcas pela legitimação do papa, Nicolau I, que após ver irregularidades na posse de cargo de Fócio, declara em um Sínodo em Roma, em 863, a anulação do patriarcado de Fócio e reconhece que Inácio ainda era o Patriarca legítimo.

Vale ressaltar que o Papa Nicolau não se agradou com o fato de o Imperador depôr um patriarca e nomear outro, o que representava uma afronta ao poder da Igreja. Dessa forma, Nicolau enxergou nessa disputa pelo patriarcado de Constantinopla um meio de obter poder no Oriente através de seu apoio pela retomada de Inácio, já que assim tiraria do poder o patriarca apontado pelo Imperador, ou seja, Fócio. Além disso, quando Nicolau restituiu Inácio como patriarca de Constantinopla, o faz com a condição de que ele reconhecesse a soberania de Roma sobre as igrejas búlgaras.

Em seguida, Inácio declara a eleição de Fócio anulada e desfaz todas as mudanças feitas por Fócio no clérigo, retirando os títulos de todos que foram promovidos por Fócio. Contudo, Constantinopla não aceita com facilidade a demonstração de poder exercida pelo Papa, devido à relação conturbada entre a Igreja Ocidental e a Igreja Oriental. Assim, temeroso pelas consequências, o Papa aceita analisar novamente o caso, porém não houve uma reconciliação, devido a disputa entre Roma e Constantinopla pela cristianização da Bulgária, recém convertida. No meio da disputa, em 867, Fócio escreve uma carta, na qual denuncia a invasão de missionários latinos na Bulgária e expõe a heresia do Papa Nicolau I, pois esse era tolerante ao uso da *Filioque*⁶ pelas igrejas francas. Assim, o Papa Nicolau I é excomungado no concílio Concílio de Constantinopla, de 867.

Esse período de tensão entre a Igreja de Constantinopla e o Papa ficou conhecido como o Cisma de Fócio. Entretanto, apesar de ser apenas mais um conflito entre outros na época, acabou por ter um grande impacto na complexa relação entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente, já que a primeira acreditava ser o centro do reino cristão, enquanto que a segunda acreditava na divisão igual de poder entre os cinco patriarcados: de Roma, de Constantinopla, de Alexandria, de Antioquia e de Jerusalém.

⁶ Expressão latina “do Filho”, usada para expressar a proveniência do Espírito Santo tanto do Pai quanto do Filho.

Ainda no mesmo ano, o futuro imperador Basil matou o imperador em exercício e protetor de Fócio, Miguel III, tornando-se seu sucessor. Após sua morte, Fócio é deposto novamente e Inácio finalmente retorna ao trono de Patriarca, levando Fócio ao exílio por dois anos, de 869 até 870. Fócio só retornará ao poder após a morte de Inácio, em 877; e, dois anos depois, a decisão de 869 é rescindida e Fócio é reconhecido pelo Papa como Patriarca de Constantinopla. Entretanto, em 886, Fócio novamente sai do patriarcado após a ascensão de Leão VI, se exilando em um monastério no qual viveu o resto da vida até a sua morte em 893.

Em síntese, Fócio viveu em um período de grande tensão entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente e exerceu um papel muito importante no posterior cisma da igreja. Portanto, Fócio não é apenas lembrado por sua excepcional inteligência e ampla erudição, mas também por sua importante participação na relação instável e tortuosa dentro da Igreja Cristã, sendo, de acordo com F.L Cross (1963, p. 1283), o primeiro teólogo a denunciar a igreja em Roma de inovar sobre a cláusula *Filioque*, quando acusou o Papa Nicolau I de heresia.

Essa controvérsia, em particular, é relevante para se compreender a crítica do patriarca contra Orígenes, no que diz respeito ao pensamento de Fócio sobre a procedência do Espírito Santo. *Filioque*, do latim “do Filho”, é uma expressão usada no contexto da frase *ex Patre Filioque procedit*, “que procede do Pai e do Filho”, referindo-se ao Espírito Santo, e se encontra na versão do credo Niceno – Constantinopolitano I (381 d. C). A expressão também se encontra em uma tradição teológica atestada em numerosos pais da Igreja do Ocidente, entre eles Ambrósio, Santo Agostino e Leão Magno . No texto em Latim, afirma-se que o Espírito Santo provém tanto do Pai quanto do Filho, algo que não se encontra no credo de Niceia, onde há apenas menção ao Pai. Entretanto, segundo Cross (1963, p. 611), aproximadamente no século IX, os francos começaram a utilizar a *Filioque* durante as missas, fazendo com que se tornasse popular. Desse modo, a *Filioque* se torna um dos principais motivos de desacordo entre a Igreja Ocidental e Oriental. O pensamento de Fócio a respeito da *Filioque* e sua expressão de descontentamento sobre seu uso pela Igreja Romana, será mais detalhado no próximo capítulo.

A relação entre Fócio e a Igreja Romana era complexa, pois a relação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente também era. Elas divergiam sobre variados tópicos da doutrina cristã e conseqüentemente também em relação à política, porém vale destacar um que pode ser considerado o principal e, possivelmente, um dos mais polêmicos: a doutrina da Trindade. Um dos principais pensadores cristãos sobre esse tópico e que serviu de referência para discussões durante os primeiros séculos da Igreja cristã é Orígenes de Alexandria.

1.3. Orígenes de Alexandria

Orígenes dedicou toda a sua vida ao estudo das Escrituras Sagradas e ao cristianismo. É considerado um dos maiores pensadores cristãos, já que suas ideias foram e continuam sendo estudadas com renovado interesse, além de serem motivo de polêmicas, mesmo séculos depois de sua morte. Portanto, será visto ao decorrer deste trabalho algumas de suas ideias, assim como a visão de seus fervorosos críticos, além da defesa de seus apologistas. Porém, antes de estudar suas ideias, deve-se compreender quem foi esta figura tão importante.

Uma das principais fontes sobre a vida de Orígenes, e que será usada no que se refere a sua biografia neste trabalho, procede de um de seus fiéis discípulos, Eusébio de Cesareia. Em sua obra *História Eclesiástica*, na qual fala sobre diversos pensadores cristãos importantes, Eusébio trata sobre a vida de Orígenes, sua formação e as dificuldades enfrentadas pelo alexandrino em meio ao contexto de políticas de perseguição aos cristãos durante seu tempo.

Nascido no século III, mais precisamente em 185 d.C. , em Alexandria, Orígenes era proveniente de uma família cristã. Seu pai Leônidas morreu como mártir em 201, devido às perseguições do Imperador Lúcio Sétimo Severo (de 145 d.C a 211 d.C) contra os cristãos. Apesar de, durante o seu reinado, as perseguições serem menos intensas e abrangentes comparadas com outros perseguidores, as perseguições ocorriam de forma mais localizada, como se observou em Alexandria, tanto no caso do pai de Orígenes quanto de outros cristãos, à medida que muitos deixaram a cidade por medo de perseguição.

Após a morte de seu pai Leônidas, aos dezessete anos, Orígenes também tenta seguir um destino parecido, pois intencionava morrer como mártir. Entretanto, sua mãe consegue impedi-lo de sair às ruas, escondendo a sua roupa. Em *História Eclesiástica*, Eusébio ao fazer uma descrição dos primeiros anos de Orígenes, afirma que sua criação foi primariamente cristã, pois seu pai incentivou-o a estudar as Escrituras desde muito cedo e preparou-o para outros conhecimentos, chegando a instruí-lo sobre os ensinamentos gregos, como filosofia e as letras. Ao longo de sua educação, Orígenes acabou por se interessar e focar mais na aprendizagem da gramática, visto que já tinha amplo conhecimento de gramática quando seu pai faleceu.

Após esse trágico acontecimento, Orígenes torna-se responsável financeiramente pela família, que incluía sua mãe e seis irmãos mais novos. Dessa forma, o jovem alexandrino, hábil em conhecimentos sobre as letras, se vê obrigado a dar aulas de gramática. Por volta da mesma época, Orígenes começa a ensinar os dogmas cristãos, já que a Escola de Alexandria

se encontrava sem professores para o ensino da catequese devido às constantes ameaças de perseguição. No *didaskaleion* de Alexandria, Orígenes teve contato com outra figura importante para a sua educação e formação, principalmente como pensador cristão, Clemente de Alexandria, mestre da Escola de Alexandria. Segundo a narração de Eusébio, após a morte de Clemente, Orígenes se torna responsável pela Escola catequética de Alexandria por ordem de Demétrio, patriarca da igreja de Alexandria. Logo depois, Orígenes abandona o ensino da gramática e se dedica a lecionar na escola de Alexandria em meio às perseguições de outros mártires.

Durante o tempo em que leciona na escola de Alexandria, Orígenes adquire grande prestígio, chegando a ser patrocinado por um de seus alunos com grande poder econômico, Ambrósio, que é convertido do gnosticismo para o cristianismo. Orígenes também faz diversas viagens por conta de sua boa reputação, chegando a Roma e a Cesareia na Palestina. Enquanto ele estava na Palestina, ocorre uma das principais controvérsias envolvendo o seu nome, pois durante sua permanência lá, foi ordenado presbítero pelos bispos Teolito e Alexandre. No entanto, Demétrio não tendo sido informado oficialmente do fato, não deu a permissão necessária que lhe cabia como tutor de Orígenes. Soma-se a isso o fato de Orígenes ter se automutilado, fato que dificultava sua nomeação como presbítero. A mutilação voluntária mencionada refere-se ao episódio no qual, procurando seguir o trecho do Evangelho de Mateus, capítulo 19 versículo 12, segundo o qual “há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus”, o jovem Orígenes decide fazê-lo e, tempos depois, é descoberto por Demétrio. A primeira reação desse mostra-se positiva, ao admirar a devoção de Orígenes, entretanto, diante do fato de sua nomeação na Palestina, a sua posição mudou, como é relatado no seguinte trecho:

Mas não muito tempo depois, vendo o êxito de Orígenes, sua grandeza, seu brilho e sua fama universal, foi vítima de paixão humana e tratou de descrever aos bispos de todo o mundo aquela façanha como sendo totalmente absurda, quando os bispos mais experientes e mais ilustres da Palestina, a saber, os de Cesaréia e Jerusalém, considerando Orígenes digno de privilégio e da mais alta honra, impuseram-lhe as mãos para ordená-lo presbítero. (EUSÉBIO, 2002, p. 189)

Assim, Demétrio, por se sentir ameaçado pela boa fama e admiração por Orígenes, decide revelar seu segredo para destituí-lo de seu cargo e recebe o apoio da Igreja de Roma, o que faz Orígenes ser expulso de Alexandria e refugiar-se em Cesareia, na Palestina, onde funda uma escola nos mesmos moldes da escola em Alexandria.

Além de opositores dentro do cristianismo, Orígenes também colecionava críticos pagãos como o filósofo neoplatônico Porfírio, contemporâneo de Eusébio de Cesaréia. Em seu livro *Contra os cristãos*, citado por Eusébio em sua obra, Porfírio fez afirmações sobre a educação de Orígenes, afirmando ter sido ensinado por Ammonio (provavelmente Amônio Sacas), considerado pelo próprio Porfírio como um dos melhores, senão o melhor filósofo da sua época. Segundo ele, Orígenes aprendeu com ele grandes ensinamentos e obteve excepcional conhecimento sobre as ciências, contudo teria se distanciado do caminho de Amônio, já que pela visão de Porfírio, Orígenes teria se convertido ao cristianismo, enquanto Amônio teria continuado a seguir as normas pagãs. Entretanto, nas afirmações feitas por Porfírio acerca da criação de Orígenes, há divergências, pois declara que o filósofo nasceu e foi criado por uma família pagã e depois se voltou para o cristianismo. Entretanto, como já citado anteriormente, Orígenes foi criado em uma família cristã e seu próprio pai morreu como mártir.

Essa afirmação ainda causa certas divergências entre historiadores e pesquisadores de Orígenes, como atestado em MORESCHINI (2013, p. 139), sobre as identidades tanto de Orígenes como de Amônio Sacas:

Outros estudiosos foram levados mais além por esse caminho, chegando a acreditar que teriam existido também dois Amônios, mestres dos dois Orígenes, ao passo que, a nosso ver e de outros, não se pode excluir, apesar das dificuldades da hipótese que propomos, que Amônio tenha sido mestre de filosofia em Alexandria por tanto tempo que pôde ter entre os seus alunos primeiro Orígenes (entre 205 e 210) e depois Plotino (por volta de 240); o ensinamento de Amônio poderia explicar algumas das semelhanças que se podem perceber entre Orígenes e Plotino. Outros, ainda, vice-versa, sempre tentaram identificar os dois Orígenes e os dois Amônios.

Os “dois orígenes” citados acima seriam o Orígenes cristão e o Orígenes pagão, dois alunos diferentes de Amônio Sacas. O Orígenes pagão é contemporâneo de Plotino e também escreve sobre os ensinamentos de Amônio Sacas. Já os dois Amônios se referem ao filósofo neoplatônico e, provavelmente, ao filósofo cristão Amônio de Alexandria, filósofo cristão do século III. Essa confusão é comprovada na resposta de Eusébio de Cesareia, ao refutar a afirmação de Porfírio que declara Orígenes ter se convertido ao cristianismo e Amônio, seu mestre, ter aderido à religião e às leis pagãs.

Ao discordar sobre a possível confusão feita por Porfírio, Eusébio afirma, de forma passional, que ele falou corretamente sobre a vasta educação de Orígenes assim como seu grande conhecimento, porém disse inverdades sobre Orígenes ter sido criado de acordo com as doutrinas gregas em uma família pagã e se enganou sobre a conversão de Amônio à

religião pagã, assegurando que ele sempre foi cristão e nunca de desvirtuou. A partir dessa afirmação, pode-se compreender o questionamento em volta da identidade de Amônio, já que Amônio Sacas era, de fato, pagão, ao contrário do que parece ser afirmado por Eusébio. Entretanto, mesmo ao meio das problemáticas acerca da identidade do mestre de Orígenes e sua relação com a escola de Plotino, é possível afirmar que Orígenes foi influenciado pela filosofia pagã em suas obras, fato que o faz ser perseguido e criticado por muitos.

Apesar da polêmica gerada por esse comentário de Porfírio, esse traz uma característica interessante sobre a educação de Orígenes, sua formação na filosofia pagã e como ela influencia em suas ideias: “Quanto a sua vida, vivia como cristão e contra as leis. Quanto a suas opiniões sobre as coisas e sobre a divindade, pensava como grego e introduzia o grego nas fábulas estrangeiras.” (EUSÉBIO, 2002, p.198). A partir desse fragmento, pode-se confirmar que a formação grega de Orígenes comprometia a sua compreensão das Escrituras. Ainda, procurou conciliar alguns pressupostos da filosofia pagã com as doutrinas cristãs, ou seja, usou a filosofia como instrumento para dialogar com os textos cristãos sem negar a proeminência do Evangelho.

A relação de Orígenes com a filosofia pagã é uma das principais características particulares de suas obras e igualmente de suas adversidades com outros pensadores, sejam eles da própria Igreja Cristã quanto pensadores pagãos. Porém, deve-se ressaltar que Orígenes entendia a filosofia pagã como um meio de estudar a fé cristã e não como uma ciência em si mesma, pois para ele a verdade consistia apenas nas palavras das Escrituras. Portanto, para Orígenes, como pensador cristão, a filosofia pagã, por si só, não poderia revelar a verdade ou o real conhecimento, mas quando usada de forma a desvelar o sentido das palavras sagradas cumpria sua função.

Compreende-se, então, que Orígenes percebia a filosofia grega como uma ferramenta eficaz a ser usada para os ensinamentos da doutrina cristã, tendo em vista que seus alunos recebiam primeiramente a educação grega e seus opositores também tinham uma formação filosófica pagã. Portanto, através das obras de Orígenes que chegaram até nós, é seguro afirmar que Orígenes foi atraído pela filosofia grega e utilizou-a como base para suas interpretações das Escrituras Sagradas. Assim como Clemente de Alexandria, seu mestre, Orígenes entendia que a educação da filosofia pagã era tanto uma arma contra àqueles que atacavam os dogmas cristãos quanto um artifício fundamental para o ensino da doutrina cristã aos cidadãos helenizados de maior instrução.

Um dos maiores exemplos do extenso uso da filosofia pagã para a compreensão das doutrinas cristãs pelo alexandrino é sua obra, *o Tratado sobre os princípios* (*Peri archōn*).

Nesse tratado, Orígenes expressa seus pensamentos sobre determinadas doutrinas da fé cristã, como a Trindade, por meio de elementos naturalmente atribuídos à filosofia pagã - como o livre-arbítrio e a realidade incorpórea - para discutir as questões cristãs em uma linguagem atrativa e familiar aos não cristãos, principalmente os gnósticos. Portanto, Orígenes insere os princípios cristãos por meio da alegoria filosófica⁷ como forma de atrair leitores acostumados com as discussões filosóficas para compreender o cristianismo, perseguido e altamente criticado em sua época.

De acordo com Moreschini, ao decorrer de sua vida intelectual, por ter sido alvo de críticas por causa da influência da filosofia pagã em seus escritos, Orígenes acabou por rejeitar a filosofia pagã. O pensador cristão reafirmou em *Filocália*, outra obra sua, que o real conhecimento está presente apenas nas Escrituras, ou seja, ele procurou deixar claro a sua posição em relação ao texto sagrado, diante dos seus críticos que viam em sua prática interpretativa uma atitude ambígua em relação às Escrituras. Seus apologistas, ao decorrer dos séculos, também usaram essa justificativa para defendê-lo de seus críticos.

Todavia, a relação evidente de Orígenes com a filosofia pagã, com foco na filosofia neoplatônica, para a interpretação das Escrituras e de elementos do cristianismo será melhor explorada mais à frente. Por enquanto, basta compreender certas particularidades sobre sua criação e educação, fundamentais para a construção de suas ideias, além da relação complexa entre a filosofia pagã e o cristianismo em sua obra.

⁷ Importante ressaltar que o método alegórico aplicado às Escrituras não foi uma inovação de Orígenes, mas foi amplamente usado, em Alexandria, por Filon, no I século da era cristã, ou seja, já havia uma tradição consolidada no judaísmo helenístico dessa prática.

2. Orígenes na Biblioteca de Fócio

2.1. O contexto histórico e cultural de Orígenes

A obra abordada neste trabalho e apresentada por Fócio em sua Biblioteca é o *Tratado Sobre os Princípios*, a obra mais controversa de Orígenes. A tradução utilizada foi realizada pelo professor João Lupi, a partir da tradução de Rufino de Aquileia, única tradução integral do *Peri archōn* em português, publicada em 2014 pela Editora Paulus. Antes de investigar a sua divisão e seus conteúdos, é necessário apresentar o contexto histórico em que a obra foi escrita, assim como as controvérsias acerca de suas traduções e a recepção pela Igreja ao decorrer dos séculos.

Orígenes escreveu sua obra no século III, provavelmente entre 220 e 230, antes do primeiro Concílio de Nicéia em 325 d.C. Esse Concílio foi o primeiro concílio ecumênico e se concentrou na discussão acerca da heresia do arianismo. Tal corrente teológica exerceu um papel importante para a formação de críticas e rejeições ao pensamento de Orígenes acerca da Trindade, na medida em que a sua doutrina foi considerada pertencente à heresia ariana.

A heresia do arianismo foi criada por Ário⁸ que desacreditava a total divindade de Jesus. No século IV, houve uma expansão dessa heresia, segunda a qual, o Pai e o Filho não possuíam a mesma substância, pois o Filho seria uma criatura criada diretamente pelo Pai e, portanto, diferente das demais criaturas, porém ainda com uma substância diferente. O arianismo foi oficialmente condenado pela Igreja durante o primeiro Concílio de Nicéia e, conseqüentemente, o concílio também defendeu que o Filho possui a mesma substância do Pai (ὁμοουσία). Essa heresia foi atrelada às ideias originistas⁹, por compreenderem que a doutrina da Trindade, defendida nos escritos de Orígenes, compreendia certo subordinacionismo entre as hipóstases, que dava abertura para uma interpretação arianista.

⁸ Foi presbítero e teólogo da igreja em Alexandria, nascido na Líbia em 256 d.C e morto em Constantinopla em 336.

⁹ De acordo com o *Oxford Dictionary of the Christian Church*, o originismo “é um grupo de teorias proclamado ou atribuído à Orígenes.” (CROSS,1997, p. 1195) Sendo assim, é importante ressaltar que as ideias originistas foram aquelas atribuídas a Orígenes, mas não necessariamente as que ele próprio formulou, mas inspiradas em seus escritos.

Logo, Orígenes escreveu sobre a doutrina da Trindade antes mesmo de ter sido reconhecida a divindade do Filho pelo Concílio de Niceia, responsável por afirmar que tanto o Pai quanto o Filho compartilhavam da mesma substância. Durante esse período, estava em voga nos círculos filosóficos a cultura do Uno que será abordada no próximo capítulo. De modo geral, esse era o contexto cultural da época a ser considerado, determinante para investigar o conteúdo da obra de Orígenes e compreender sua importância para o desenvolvimento do pensamento teológico da igreja.

Outro fator importante para a produção do *Tratado Sobre os Princípios* e a doutrina Trinitária foi a popularização de movimentos teológicos no segundo e terceiro século: o Monarquianismo e o Gnosticismo. O Monarquianismo foi um movimento teológico, popular nos séculos II e III, responsável por afirmar a supremacia do Pai e não aceitar a consubstancialidade do Filho, o que mais tarde, será considerado um movimento herético. Essa doutrina procurava manter o monoteísmo através da pregação da unidade da divindade e, portanto, não compactuava com a doutrina da Trindade, que se assemelhava a alguns aspectos pagãos fora do monoteísmo, segundo os defensores do Monarquianismo.

Essa vertente do pensamento cristão, segundo o próprio Orígenes, era dividida em três propostas, divergentes entre si. A primeira proposta defende que Jesus era apenas um homem e, portanto, não apresentava problemas ao monoteísmo, já que Deus seria a única divindade. A segunda afirma que Jesus Cristo serve como uma espécie de templo para Deus, que não se pode dividir de qualquer forma, sendo Jesus habitado pelo único Deus. A terceira proposta é mais relevante para este trabalho, pois se entrelaça mais profundamente com a formação da doutrina da Trindade em Orígenes, já que o alexandrino se opõe diretamente a ela. Ela alega que a diferença entre o Pai e o Filho recai apenas no nome (ὄνομα) ou no ponto de vista (ἐπίνοια), mas que os dois são a mesma realidade, ou seja, afirmam a identidade per número (ἀριθμῶ), essência (οὐσιᾷ), substrato (ὑποκειμενῶ) e por hypóstasis (κατὰ ὑπόστασιν), portanto, Deus continua único e indivisível. Essa proposta é comumente conhecida como modalismo. Sua relação com a obra de Orígenes será melhor explorada no próximo capítulo.

Outro movimento ao qual Orígenes se opôs foi o Gnosticismo, derivado de γνῶσις (conhecimento). O gnosticismo, apesar de ter iniciado nas escolas cristãs, se separa de sua doutrina e, durante a época de Orígenes, já é um movimento separado do Cristianismo. Esse movimento e suas particularidades, tais como seus grupos e própria história, o torna um dos mais complexos. Entretanto, para o presente trabalho, é importante saber que o gnosticismo tinha como crença principal a *gnosis*, “o suposto conhecimento revelado de Deus e da origem e destino da humanidade, por meios no qual o elemento espiritual no homem poderia receber

redenção.” (CROSS, 1997, p. 683)¹⁰. Ademais, o gnosticismo era criticado por seus opositores por causa de sua proximidade com elementos pagãos dos cultos de mistério.

Esse movimento teológico tinha muitos seguidores, inclusive alunos do *Didaskaleion* onde Orígenes foi mestre. O gnosticismo também cumpre um papel crucial para a aproximação entre o cristianismo e a filosofia dentro da obra de Orígenes, pois “na filosofia Orígenes vê a aliada mais segura na luta contra o gnosticismo.” (MORESCHINI, 2013, p.141). Por conseguinte, a partir do reconhecimento das influências tanto filosóficas quanto teológicas, tem-se uma visão mais clara do contexto em que a obra foi escrita.

Quanto à sobrevivência do texto, a única versão do *Tratado sobre os Princípios* nos dias atuais é a tradução latina feita por Rufino de Aquileia, apologista de Orígenes, no século IV. Analisar o contexto em que essa tradução foi realizada é importante para compreender algumas de suas características e polêmicas, discutidas até os dias atuais. Para tanto, deve-se investigar primeiramente quem é Rufino de Aquileia e como Orígenes e seus pensamentos eram vistos no cristianismo durante o século IV.

Rufino nasceu em Aquileia, por volta de 345 e estudou em Roma, onde conheceu Jerônimo, personagem crucial para a polêmica em torno da tradução latina de *Tratado sobre os Princípios*. Rufino também estudou em outros lugares, incluindo Alexandria, onde foi influenciado pelos ensinamentos de Orígenes.

Durante o século IV, havia muitos anti-origenistas, como também, muitos defensores seus, incluindo Pânfilo. Esse escreveu uma apologia de Orígenes junto a Eusébio de Cesaréia, outro discípulo seu, a qual também é mencionada na *Biblioteca* de Fócio, no códice 118 e será comentada no próximo capítulo. Nesse mesmo período, uma das maiores críticas contra Orígenes era justamente a respeito da doutrina da Trindade apresentada no livro I do *Tratado sobre os princípios*, que será tratada mais detalhadamente no decorrer deste trabalho.

A impopularidade de Orígenes no século IV foi atribuída mais aos pensadores da escola origenista, acusados de adulterar os seus pensamentos originais. Esse fato contribuiu, também, para a dificuldade de identificar as ideias originais de Orígenes, assim como vislumbrar quais passagens ou ideias foram modificadas por seus tradutores e discípulos, como é o caso de Rufino, nesse processo de tradução para a língua latina.

Hodiernamente, há apenas alguns fragmentos em grego que tinham sido escritos também na *Filocália* — conjunto de textos de Orígenes organizados na segunda metade do século III por Gregório de Nanziano e Basílio de Cesareia. Na *Filocália*, se encontram alguns

¹⁰ Tradução da autora: “(...) the supposedly revealed knowledge of God and of the origin and destiny of mankind, by means of which the spiritual element in man could receive redemption.”

trechos de livros do *Tratado Sobre os Princípios*, além daqueles encontrados na *Apologia* de Pânfilo, porém, diante da escassez de fontes, muitos estudiosos desconfiam da autenticidade do texto grego devido a sua escrita repleta de abreviações e omissões e consideram que o texto grego original não é possível de ser reconstituído fielmente.¹¹ Ainda assim, usam esses trechos para comparar e investigar as traduções de Jerônimo e Rufino.

Entre os admiradores de Orígenes, por algum tempo, se encontrou Jerônimo. Esse também traduz alguns textos de Orígenes, as Homilias, porém, mais tarde se volta contra os pensamentos originianos, declarando-os heréticos. A partir das traduções de Jerônimo, Rufino faz as suas próprias traduções e segue seu método, como afirmado no prefácio de sua tradução de *De Principiis* (ORÍGENES, 2014, p. 23):

De fato, ele traduziu para o latim mais de setenta livros de Orígenes, a que chamou homilias, e alguns comentários sobre o Apóstolo; e, quando no original encontrou alguns pontos que apresentavam dificuldade, adaptou-os e os corrigiu, interpretando-os para que neles o leitor latino não encontrasse nada que não estivesse de acordo com a nossa fé. Na medida do possível, seguimos também o seu exemplo, se não com a mesma força de eloquência, pelo menos com as mesmas regras de método, tomando o cuidado de **não oferecer ao público o que, nos escritos de Orígenes, se possa encontrar em contradição com o seu próprio pensamento.**

Portanto, por meio dessa declaração de Rufino, confirma-se que os textos traduzidos não são totalmente fiéis ao conteúdo original. Como também expresso no prefácio, as mudanças feitas na tradução são justificadas pelo pressuposto que os textos de Orígenes teriam sido corrompidos por seus discípulos, perdendo-se de sua verdadeira fé e, em alguns casos, proferindo até pensamentos heréticos. Assim, Rufino acredita estar retomando a veracidade do pensamento originiano e, até mesmo, chega a acrescentar na obra passagens de outros escritos de Orígenes que acredita terem sido omitidos.

Diante dessa declaração, Jerônimo decide traduzir o *Tratado Sobre os Princípios* de forma mais próxima ao grego para expor a heterodoxia omitida por Rufino. Entretanto, dessa tradução, restam apenas alguns fragmentos (*Carta a Avito, Epist. 124*), que mostram algumas opiniões impopulares sobre a Trindade e não refletem fielmente a forma de pensar de Orígenes, coadunando com um esquema crítico já tradicional.

No século VI, o Imperador bizantino Justiniano I (482 - 565 d.c) empreendeu uma intensa perseguição contra as obras de Orígenes. Ao longo de seu reinado, Justiniano procurou manter a política e a religião unidas. Tendo isso em vista, no Segundo Concílio de Constantinopla, sucedido em 553, ocorreu a condenação de Orígenes por suas ideias

¹¹ Prefácio do *Tratado sobre os princípios* pela editora Paulus (ORÍGENES, 2014, p. 9)

heréticas. Essa condenação determinou a extinção das obras de Orígenes, contribuindo para a não conservação dos seus textos e, conseqüentemente, para a existência de apenas uma versão integral do *Tratado sobre os princípios*, a tradução controversa de Rufino.

Vale ressaltar que muitas das acusações feitas sobre Orígenes e o originismo são frutos de traduções e interpretações de seus escritos por outros pensadores a partir de suas próprias pré-concepções sobre o teólogo alexandrino. Dessa forma, torna-se uma difícil tarefa identificar as ideias teológicas originais de Orígenes. Isso só é possível por meio da investigação dos diversos fragmentos e citações de suas obras feitas por outros autores.

Tendo em vista as polêmicas que cercaram Orígenes, até mesmo séculos depois de sua morte, questiona-se o porquê de tantos opositores. Postula-se que “aos críticos ferozes do *Peri archōn*, nos séculos IV e VI, escaparam as intenções genuínas de Orígenes como teólogo e *ekklesiastikos* do século III” (ORÍGENES, 2014, p. 9). Uma resposta possível é que Orígenes, por conta de uma sólida formação na filosofia pagã, pretende examinar os dogmas cristãos nas Escrituras como uma investigação (ζήτησις), ao modo filosófico. Assim, cria um modo de exposição argumentativo que parece estar questionando os princípios de fé e que são entendidas como afirmações inquestionáveis pelos seus opositores, fora de uma dinâmica dialética.

Analisando a metodologia de Orígenes, percebe-se o uso pelo autor da junção entre uma exegese alegórica das Escrituras e os fundamentos da filosofia pagã, principalmente as correntes filosóficas de sua época de viés platônico. Ou seja, Orígenes utiliza a metodologia dogmática em seu trabalho, interpretando as Escrituras por meio da razão. Portanto, pode-se concluir, também, que o uso da filosofia pagã como instrumento para seus pensamentos teológicos ajudou a construir um julgamento negativo de seu trabalho. Ademais, outro motivo para as críticas feitas nos séculos posteriores à morte de Orígenes deve-se também à falta de compreensão sobre o contexto histórico em que o autor viveu e a situação do cristianismo e da Igreja cristã em sua época, ainda em desenvolvimento.

Em resumo, Orígenes escreve mediante às questões significativas de sua época, antes do primeiro concílio eucumênico. Ou seja, sua obra é composta em um período no qual o Cristianismo ainda não é a religião oficial do Império Romano, e está sob ataque, nas épocas posteriores como a de Justiniano no século VI e a de Fócio no século IX, a situação é bem diferente, tendo em vista que os principais dogmas da igreja já tinham sido estabelecidos. Desse modo, Orígenes pensa sobre questões ainda não formuladas ou pouco refletidas pelos cristãos de seu tempo com os instrumentos intelectuais que lhe estão à disposição.

2.2. A obra de Orígenes: *Tratado sobre os princípios*

Antes de se analisar a tradução da resenha feita por Fócio em sua Biblioteca, vale examinar o conteúdo e organização do *Tratado sobre os princípios*. O título da obra em seu original grego é *Peri archōn* (περί ἀρχῶν). O termo *arché* é familiar para os estudiosos de filosofia, já que é um dos principais questionamentos feitos por grandes filósofos, desde os pré-socráticos até Platão, qual ou quais são os princípios motores de todas as realidades. Portanto, no título, já é possível reparar a interlocução entre os elementos da filosofia e o pensamento cristão de Orígenes.

Para MORESCHINI (2013, p.141), o título de Orígenes “pode significar seja as *verdades fundamentais* em que Orígenes baseia a sua especulação, seja os *princípios primeiros* do ser. Essa segunda interpretação se harmoniza melhor com o uso do termo na filosofia contemporânea de Orígenes, como a platônica”. Os princípios primeiros, de acordo com a obra de Orígenes, seriam aqueles retratados: “a Trindade, as criaturas racionais, o mundo, sendo só o Pai um princípio em sentido estrito.” (ORÍGENES, 2014, p. 12)

Na tradução de Rufino, o *Tratado* está dividido em quatro livros. O Livro I é constituído pelos pensamentos acerca da criação do mundo e o mundo sobrenatural, ou seja, a Trindade e a criação dos anjos. O Livro II se volta para o mundo, as criaturas racionais e sua salvação, tratando, também, de assuntos como a unanimidade do Deus dos profetas e o Pai de Jesus, a alma, o Espírito Santo e a ressurreição. Já o Livro III discute, dentre outros assuntos, o livre-arbítrio e o fim do mundo. Por fim, o Livro IV se dedica à interpretação das Escrituras.

Como este trabalho se propõe a investigar a polêmica acerca da Trindade, o estudo se concentrará em analisar seguintes partes do Livro I: em especial a seção I, 1, sobre Deus; I,2, sobre Cristo; e I, 3, sobre o Espírito Santo; assim como outras citações feitas ao longo da obra que sejam relevantes para a atual investigação.

De modo geral, no Livro I, Orígenes escreve sobre os seres incorporais, incluindo a Trindade. A doutrina trinitária será melhor examinada no próximo capítulo junto a sua influência neoplatônica. Entretanto, para compreender minimamente o texto de Fócio acerca do pensamento de Orígenes deve-se compor uma síntese do que Orígenes fala sobre esse tema. Já em seu prefácio, Orígenes (ORÍGENES, 2014, p.27) declara:

Perguntemo-nos, contudo, se isso a que os filósofos gregos chamam *asômaton*, isto é, incorporal, se encontra sob outro nome nas Escrituras Sagradas. É preciso também procurar qual é o conceito que devemos ter do próprio Deus: deve ser

concebido como corporal e definido por certa aparência, ou de natureza distinta da dos corpos, o que não está claramente indicado em nossa pregação. Essas mesmas questões devem ser postas a respeito de Cristo e do Espírito Santo, e não menos devemos fazê-lo com relação a todas as almas e todas as naturezas racionais.

Resumidamente, ao decorrer da discussão a respeito da Trindade, Orígenes afirma que há um único deus e, a partir dessa unidade há três hipóstases: Deus-pai, o Filho e o Espírito Santo. O significado das hipóstases e maiores detalhes sobre a relação com a filosofia neoplatônica de Plotino serão tratadas mais adiante. Entretanto, por enquanto pode-se observar a questão de fundo do subordinacionismo - essa relação hierárquica entre as hipóstases - a maior crítica feita pelos adversários do autor. Orígenes vê Deus como uma espécie de fonte que irradia através das hipóstases (também entendida como pessoas) de Cristo e do Espírito Santo. Em seu estudo sobre Orígenes e suas outras obras e escritos, MORESCHINI (2013, p. 149) afirma:

Se o pai é absolutamente transcendente e inefável na sua “unicidade”, cabe ao Filho, porém, a multiplicidade, ainda que seja na natureza divina, que ele possui não diferentemente do Pai. Pelo menos porque se encarnou, o Filho não é “um”. **A subordinação do Filho com respeito ao Pai é um conceito (...) que, em parte, Orígenes faz derivar da filosofia platônica contemporânea,** que afirmava a existência de um “segundo deus”, e, em parte, era comum a tendência muito pronunciada no cristianismo dos primeiros séculos até desembocar na doutrina de Ário. O Filho tem a função de Logos intermediário entre o pai e a criação, e essa função é concebida como uma manifestação de inferioridade.

A partir dessa passagem, percebe-se uma das razões para confusão entre as ideias de Orígenes e o arianismo, o que provocou a condenação de seus opositores, acolhida por Fócio. Entretanto, as ideias de subordinacionismo entre essas doutrinas são diferentes, pois Orígenes acreditava na eternidade e santificação do Filho de Deus, afirmando que sua criação ocorre fora do tempo¹². Como pode-se ver, a definição da Trindade no pensamento de Orígenes é complexa e necessita de um aparato filosófico, do qual o autor utilizou para formular suas ideias. Porém, por meio desses fragmentos, o conceito da Trindade e suas críticas se tornam um pouco mais claras.

Assim, após essa resumida introdução sobre o contexto em que o *Tratado sobre os princípios* foi escrito e traduzido juntamente com uma explicação sintetizada sobre as

¹² *Tratado sobre os princípios* I,2,2: “É por isso que nós sabemos que Deus é sempre o Pai do seu Filho único, que dele nasceu, e dele toma tudo o que é, sem que, no entanto, haja aí qualquer espécie de início, nem o que se pode distinguir por períodos de tempo, naquele que o espírito, só e por si mesmo, é capaz de considerar e examinar, por assim dizer, pelo simples intelecto e pela alma. Devemos, portanto, crer que a Sabedoria foi gerada sem nenhuma relação com qualquer forma concebível de um começo.”

problemáticas entre as ideias de Orígenes e a Igreja, principalmente em relação à Trindade, segue-se a análise da tradução do códice 8 da *Biblioteca*.

2.3. Tradução do códice 8

A resenha de Fócio sobre a obra em questão será investigada com a devida atenção por meio da tradução do códice 8 da *Biblioteca*. Portanto, passa-se a uma pequena introdução a essa obra: como é formada e a sua relevância para os estudos da literatura na Antiguidade Tardia, antes de ser apresentada a tradução.

A Biblioteca é composta de 386 obras divididas em 280 códices (ou capítulos), nos quais Fócio expressa suas opiniões sobre determinada obra, sendo mais opinativo em uns do que em outros. Em alguns apenas resume o conteúdo da obra e, em outros, também apresenta uma visão geral da biografia do autor em questão. Em certos códices, Fócio também se utiliza de fragmentos das edições às quais tem acesso.

Sobre a organização e constituição dos códices existem algumas questões sobre o modo em que a Biblioteca foi escrita. Por meio da carta dedicatória de Fócio para seu irmão Tarásio, sabe-se que Fócio dedicou o trabalho da Biblioteca a ele antes de servir à embaixada em Bagdá. Em *Scholars of Byzantium* é resumida a questão sobre qual data exata em que Fócio teria escrito e compilado a Biblioteca, já que na época em que serve à embaixada ainda não tinha chegado aos trinta anos e, portanto, não se tem certeza se já teria conhecimento o suficiente para ter lido tantas obras. Assim, é provável que Fócio tenha servido como embaixador duas vezes em sua vida, quando ainda era muito novo e anos depois, após já ter sido patriarca. Essa hipótese também é reforçada por comentários em alguns códices que teriam sido escritos muito depois de seu serviço na embaixada e referidos como lidos há muito tempo antes da resenha ser feita. Ao se referenciar sobre a hipótese se Fócio teria escrito a Biblioteca quando ainda não tinha nem completado trinta anos, WILSON (1983, p.93):

Essa hipótese levanta a questão se ele poderia ter lido tanto ainda tão jovem, e evidentemente está em conflito com a observação no códice 189 (Nicolau de Damasco) que ele está lidando com um livro lido 'há muito tempo'. Outras pistas da composição em um estágio muito mais tarde da sua carreira têm sido detectadas. Ele se refere à vida do Papa Gregório I, que se acredita ter sido adaptada de uma versão latina de, no mais tardar, 875 (códice 252). Ele lembra sua experiência pessoal em

lidar com os heréticos messalianos, uma experiência não alocada facilmente em sua carreira como leigo (códice 52).¹³

Outra indagação feita a respeito da obra de Fócio é sobre o texto em si. A partir da análise de tradução que será executada a seguir, será visto de forma mais minuciosa as problemáticas em relação à escrita de Fócio. Entretanto, antes é relevante entender de que forma esse texto foi escrito, por quem e se foi ou não revisado.

Alguns estudiosos acreditam que Fócio possa ter escrito muitos dos códices de memória, já que afirma isso diversas vezes. Entretanto, “a palavra usada na carta dedicatória e no códice 267* pode ser traduzida, em princípio, como ‘memorando, registro escrito’ em vez de ‘memória’” (WILSON, 1983, p. 96)¹⁴. Desse modo, é mais provável que Fócio tenha escrito as notas enquanto obtinha uma cópia do livro consigo, como também é afirmado em diversos códices. Além dessa prova, Fócio também reproduz fragmentos de textos e detalhes que seriam quase impraticáveis apenas de memória, mesmo que essa tenha sido também usada no processo de escrita.

Outra questão apresentada sobre o texto de Fócio é se, de fato, a obra foi revisada. Ao longo dos textos pode-se perceber a repetição de diversas palavras e expressões. Ainda, há dificuldade, muitas vezes, de entender coerentemente o que o autor fala e algumas lacunas que deveriam ter sido preenchidas, mas, possivelmente, foram esquecidas. Assim, torna-se mais provável que a obra não tenha passado por um processo de revisão, nem de Fócio nem de terceiros e a publicação da *Biblioteca*, provavelmente, se deve a alguém que teve contato com a obra e quis fazê-la pública.

Ademais, Fócio entrou para a história como um dos maiores leitores de obras da Antiguidade, portanto a *Biblioteca* é a prova de sua ampla erudição. WILSON (1996, p.93) define a *Biblioteca* da seguinte forma:

A Biblioteca, provavelmente, é a obra mais importante em toda a literatura bizantina. Ela ocupa-se de uma ampla gama de autores, do começo de Bizâncio clássicos e da antiguidade tardia. A teologia é um pouco melhor representada que a

¹³ Tradução da autora: “This hypothesis raises the question whether he could possibly have read so much while still so young, and is prima facie in conflict with the remark in codex 189 (Nicolaus of Damascus) that he is dealing with a book read ‘long ago’. Other hints of composition at a much later stage of his career have been detected. He refers to a life of Pope Gregory the Great which is believed to have been adapted from a Latin version composed as late as 875 (codex 252).³ He recalls his personal experience in dealing with Messalianist heretics, an experience not easily located in his career as a layman (codex 52).“

¹⁴ Tradução da autora: ‘(...) the word used in the dedicatory letter and in codex 267 could in principle be translated as ‘memorandum, written record’ rather than ‘memory’”

literatura secular. O número de livros perdidos que foram analisados é substancial; por isso, Fócio é, frequentemente, a melhor e única fonte.¹⁵

Desse modo, fica evidente a importância de Fócio para os estudos clássicos, já que se torna o principal recurso para os estudos de vários autores, cuja obra e seus fragmentos encontram-se apenas na *Biblioteca*. Assim como comentado na citação acima, na obra de Fócio encontram-se mais autores cristãos, incluindo Orígenes, apesar de também haver resenhas de livros de autores pagãos sobre mitos, romances e história. A falta de filósofos chama a atenção, principalmente pelo fato de Fócio ser um reconhecido erudito e as obras de Platão e Aristóteles fazerem parte da Biblioteca de todos os estudiosos. Portanto, acredita-se que Fócio tenha, sim, lido as obras famosas de Platão, Aristóteles assim como demais filósofos importantes da Antiguidade, e comentado sobre elas em uma produção diferente, a *Amphilochia*. Porém, é mais admissível que os livros comentados por Fócio na *Biblioteca* sejam fruto de sua leitura pessoal, longe dos estudos tradicionais frequentados por ele, e que os tenha lido sozinho.

Após essa breve análise sobre a composição e o contexto em que a Biblioteca foi formada, será vista a tradução do códice 8, referente à obra Tratado sobre os Princípios de Orígenes e sua análise.

η'

Ἀνεγνώσθη Ὁριγένους τὸ περὶ ἀρχῶν, λόγοι δ', ὧν ὁ μὲν πρῶτος περὶ πατρὸς καὶ υἱοῦ καὶ ἁγίου πνεύματος· ἐν ᾧ πλεῖστα βλασφημεῖ, - τὸν μὲν υἱὸν ὑπὸ τοῦ πατρὸς πεποιῆσθαι λέγων, τὸ δὲ πνεῦμα ὑπὸ τοῦ υἱοῦ, καὶ διήκειν μὲν τὸν πατέρα διὰ πάντων τῶν ὄντων, τὸν δὲ υἱὸν μέχρι τῶν λογικῶν μόνων, τὸ δὲ πνεῦμα μέχρι μόνων τῶν σεσωσμένων. Λέγει δὲ καὶ ἄλλα παραλογώτατα καὶ δυσσεβείας πλήρη· μετεμψυχώσεις τε γὰρ ληρωδεῖ, καὶ ἐμψύχους τοὺς ἀστέρας, καὶ ἕτερα τούτοις παραπλήσια. Ἔστι δ' ὁ μὲν πρῶτος αὐτῶ λόγος μεμυθολογημένος¹⁶ περὶ πατρὸς καὶ (ὡς ἐκεῖνός φησι) περὶ Χριστοῦ καὶ περὶ ἁγίου πνεύματος, ἔτι καὶ περὶ λογικῶν 5φύσεων. Ὁ δὲ δεύτερος περὶ κόσμου καὶ τῶν ἐν αὐτῷ κτισμάτων, καὶ ἔτι ὅτι εἰς θεὸς

¹⁵ Tradução da autora: “The Bibliotheca is perhaps the most important work in the whole of Byzantine literature. It deals with a wide range of classical, late antique and early Byzantine writers. Theology is slightly better represented than secular literature. The number of lost books reviewed is substantial; for these Photius is often the best or the only source.”

¹⁶ Particípio passado médio depoente de **μυθολογέω (+περὶ τινος)**: dissertar ou conversar sobre algo. Definitivamente, não parece ser esse o sentido nessa passagem.

νόμου καὶ προφητῶν, καὶ ὅτι ὁ αὐτὸς παλαιᾶς καὶ καινῆς διαθήκης θεός, καὶ περὶ τῆς τοῦ σωτῆρος ἐνανθρωπήσεως, καὶ ὅτι τὸ αὐτὸ πνεῦμα ἐν Μωϋσῆ καὶ τοῖς ἄλλοις προφήταις καὶ ἁγίοις ἀποστόλοις· ἔτι περὶ ψυχῆς, περὶ ἀναστάσεως, περὶ κολάσεως, περὶ ἐπαγγελιῶν. Ὁ δὲ τρίτος περὶ αὐτεξουσίου· πῶς ὁ διάβολος καὶ αἱ ἀντικείμεναι δυνάμεις κατὰ τὰς γραφὰς στρατεύονται τῷ ἀνθρωπίνῳ γένει· ὅτι γενητὸς ὁ κόσμος καὶ φθαρτὸς ἀπὸ χρόνου ἀρξάμενος. Ὁ δὲ τέταρτος περὶ τέλους· ὅτι θεῖαι αἱ γραφαί· τέλος ὅπως δεῖ ἀναγινώσκειν καὶ νοεῖν τὰς γραφὰς.

8

Lido: De orígenes *Sobre os princípios*, em 4 livros, cujo primeiro (é) sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo no qual ele pronuncia numerosas blasfêmias ao falar que o filho é gerado pelo Pai, enquanto o espírito pelo filho; e o pai propaga-se através de todos os seres, porém o filho propaga-se apenas nos seres racionais, enquanto o espírito unicamente naqueles que são salvos. Além disso, afirma também outras coisas mais absurdas e cheias de impiedade; pois tanto delira a respeito de metempsicoses, quanto sobre os astros dotados de alma e outros absurdos semelhantes a esses. O seu primeiro livro é uma fabulação a respeito do pai e (como ele mesmo diz) do Filho e do Espírito Santo, e ainda sobre a natureza intelectual. O segundo, porém, é sobre o universo e as criaturas que nele estão; e ainda que (há) *um* deus, o da lei e dos profetas; e é o mesmo Deus, o do Antigo e também do Novo Testamento; também (fala) sobre encarnação do salvador; e sobre o Espírito (ser) o mesmo em Moisés tanto nos outros profetas quanto nos santos apóstolos; além disso, fala sobre a alma, a ressurreição, a punição e as promessas. E o terceiro livro é sobre o livre arbítrio; como o diabo e os poderes adversários, segundo as Escrituras, militam contra a estirpe humana; e o universo é gerado e perecível, porque teve início no tempo. E o quarto livro trata do fim; que as Escrituras são divinas; e, finalmente, como é preciso ler e compreender as escrituras.

Com fundamento na leitura da tradução do códice 8 acima, serão destacados alguns elementos relevantes para a constituição do texto de Fócio, as críticas feitas por ele sobre a obra de Orígenes e elementos significativos sobre o pensamento de Orígenes acerca da Trindade, assim como sua influência neoplatônica.

O verbo *Ἀνεγνώσθη* é a primeira palavra a ser lida no texto. Esse verbo, classificado como aoristo passivo da terceira pessoa do singular do verbo *ἀναγιγνώσκω*, está presente no

início de todos os códices ao longo da *Biblioteca*. Portanto, trata-se de uma fórmula para apresentar o códice, indicando o nome da obra ou assunto e seu autor. Pode ser traduzido como visto acima, ou também como “Foi lido”, porém, decidiu-se seguir o modelo da edição italiana.

Outra forma interessante para se comentar é o substantivo masculino nominativo plural de segunda declinação: λόγοι. Segundo José A. Ochoa, em um exame sobre a terminologia do ‘livro’ na Biblioteca de Fócio, o termo λόγος é usado na Biblioteca para se referir à divisão estrutural das obras, como é também o caso neste códice. Como já observado, o *Tratado sobre os princípios* é dividido em quatro livros. Contudo, há uma problemática sobre a divisão que Fócio utiliza para realizar a resenha e a que temos hoje, por meio da tradução de Rufino.

No tópico anterior, foi apresentada a divisão que se encontra na versão de Rufino, sendo o Livro IV composto apenas pela exegese e a recapitulação dos assuntos abordados na obra, e o Livro III trata tanto do livre-arbítrio como do fim do mundo. Porém, de acordo com Fócio, o Livro IV também trataria do fim do mundo. Dessa forma, há dúvida se Fócio se confundiu sobre a divisão da obra enquanto escrevia de cabeça ou se teve acesso à outra versão, provavelmente diferente daquela de Rufino. Essa segunda hipótese é muito provável, dado ao fato que a crítica feita por Fócio à suposta criação do Espírito Santo pelo Filho, é uma passagem não encontrada na tradução de Rufino.

É importante ressaltar que Fócio escreveu a Biblioteca no século IX, quase dois séculos após o Segundo Concílio de Constantinopla, no qual as obras de Orígenes são condenadas pelo imperador Justiniano I. Ou seja, na época de Fócio as obras de Orígenes já sofriam perseguição, o que torna a sua resenha ainda mais valiosa, pois seu texto pode ajudar a reconstruir uma visão mais próxima do que seria a ideia de Orígenes e comparar com outros fragmentos para além da versão de Rufino, a qual é admitidamente alterada de acordo com os suas próprias crenças.

De volta à análise dos elementos, o verbo βλασφημεῖ é um elemento significativo para apontar a crítica aberta contra a obra de Orígenes. O verbo, que está conjugado no presente indicativo ativo da terceira pessoa do singular do verbo βλασφημέω também possui os seguintes significados: "blasfemar, difamar, dizer palavras profanas" (DUARTE, 2008, p. 168). Esse verbo e seu significado dentro do contexto da crítica de Fócio não só à Orígenes, mas também, à Igreja Ocidental será melhor estudada no próximo tópico. Por enquanto, aponta-se o uso dessa palavra como uma confirmação da crítica de Fócio e sua veemente

rejeição aos pensamentos expressos por Orígenes no Livro I do *Tratado*, em especial sobre a doutrina da Trindade.

Como ênfase à essa crítica, Fócio também utiliza outro verbo, *μεμυθολογημένος*. Esse verbo, como explícito em seu próprio radical (*μυθ-*), refere-se à contação de mitos, ou seja, relatos, histórias fantasiosas e irreais. Desse modo, Fócio refere-se à doutrina Trinitária defendida por Orígenes como como uma espécie de fábula, ficção criada por ele. Através desse sentido, decidiu-se como melhor opção de tradução o verbo “fabulação”, pois acredita-se que transmite para o leitor o significado complexo da crítica feita, e, ao mesmo tempo, enfatiza a ridicularização do pensamento de Orígenes.

Em relação aos pensamentos de Orígenes e sua ligação com o Neoplatonismo, há uma palavra a ser destacada no códice 8. O verbo *διήκειν*, infinitivo presente ativo indicativo de *διήκω*, possui vários significados tais como “permea-se, propaga-se, difunde-se” (DUARTE, 2008, p. 239). Ao traduzir esse verbo, foi levado em consideração a filosofia neoplatônica de Plotino acerca do Uno.

Um dos exemplos mais usados pelo filósofo para se expressar sobre as hipóstases é a comparação do Uno à luz, imagem mais conhecida em um dos exemplos sobre o Uno, mas que não necessariamente condiz com a totalidade da complexa doutrina. Retornaremos a esse ponto no terceiro capítulo. Assim, levando em conta essa imagem acerca do Uno e a visível influência sobre a doutrina da Trindade, sendo o Pai a fonte, a luz tal como o Uno, resolveu-se por uma tradução que transmitisse esse sentido.

A partir dessa breve análise sobre determinados vocábulos relevantes do texto do códice 8, comprova-se a ardente crítica de Fócio contra a doutrina Trinitária no Livro I de *Tratado sobre os princípios*, explícita em suas escolhas de palavras. Todavia, deve-se analisar o porquê de tal crítica. Afinal, por que Fócio é tão incisivo sobre essa determinada questão? Quais motivos o levam a pensar dessa forma?

2.4. A crítica de Fócio

A partir da leitura e breve análise do códice 8, a crítica de Fócio à Orígenes e à visão da Trindade defendida por ele em *Tratado sobre os Princípios* é evidente. Fócio, assim como muitos opositores das ideias de Orígenes, acreditam que ele defende uma espécie de subordinacionismo entre as hipóstases da Trindade. Assim, para Fócio, como visto em sua própria resenha, a blasfêmia que tanto o exaspera está centrada na seguinte ideia: o Pai gera o Filho que gera o Espírito Santo.

Tendo em vista o contexto histórico, religioso e político de Fócio, esse pensamento é inaceitável. Em sua relação conturbada contra a Igreja Ocidental, já discutida no capítulo anterior, Fócio aponta como uma das maiores problemáticas a cláusula *Filioque*. A opinião de Fócio contra a *Filioque* é expressada em uma de suas obras, a *mystagogia*, em que se dirige explicitamente contra a *Filioque* e denuncia a blasfêmia da Igreja Romana por usá-la.

A *mystagogia* foi escrita durante o exílio de Fócio, após ele ter sido excomungado pela segunda vez pelo Imperador Leão VI em 883. A palavra grega *μυσταγωγία* significa “iniciação nos mistérios” (DUARTE, 2008, p. 187) e é relacionada com a palavra *μυσταγωγός*, “sacerdote encarregado de iniciar fiéis nos mistérios” (DUARTE, 2008, p.187). Assim, Fócio age como um *mystagogos*, guiando os fiéis em relação à blasfêmia cometida pela Igreja Romana ao defender a *Filioque*. Entretanto, a *Mystagogia* direcionada, principalmente, para a igreja no oriente, apenas obteve maior divulgação no ocidente três séculos após ser escrita.

A *Filioque*, como já mencionado, é uma expressão que se origina do credo niceno-constantinopolitano e declara a proveniência do Espírito Santo, tanto pelo Pai quanto pelo Filho. Entretanto, na versão original do Credo Niceno, proferido no primeiro consílio ecumênico de Nicéia, essa frase não se encontra e apenas o Pai é reconhecido como o gerador do Espírito Santo. De acordo com Cross (1963, p. 611), o uso da *Filioque* no credo Niceno foi defendida em 796 por Paulinus II de Aquileia e começou a ser proferida em missas no império Franco a partir de 800 e, até os anos 1000, Roma também aderiu seu uso.

Assim, A *Filioque* faz parte da polêmica acerca da Trindade, uma das principais entre as Igrejas Católica e Ortodoxa até os dias atuais. De acordo com Chadwick (1997, p. 153), a *Filioque* começou a ser usada pelas Igrejas do Ocidente para evitar o crescimento do Arianismo. Dessa forma, a *Filioque* é usada pela Igreja Romana para afirmar o pensamento de teólogos latinos de que deveria haver a inclusão do Filho na geração do Espírito Santo pelo Pai na Trindade. Entretanto, Fócio entende a *Filioque* como instrumento para outra heresia, o monarquianismo, mais precisamente o modalismo. Essa opinião pode ser vista no seguinte trecho de Chadwick (1997, p. 156)¹⁷:

Enquanto o argumento se desenvolvia, Fócio passou de autoridade para razão, insistindo que a *Filioque* necessariamente implica duas causas distintas ou fontes dentro do Ser Divino, e, ainda, que o ocidente tinha, também, confundido as

¹⁷ Tradução da autora. “As the argument developed, Photius passed from authority to reason, urging that the *Filioque* necessarily implies two distinct causes or sources within the Divine Being, and yet that the west has also confused the distinctions between Father, Son, and Holy Spirit in a way that discloses the latent modalism or Sabellianism which the Greek east has long suspected in western divinity.”

distinções entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo de forma que revela o latente modalismo ou Sabelianismo, o qual o oriente Grego havia muito tempo suspeitado na divindade ocidental.

Ou seja, Fócio declarou que, para o ocidente, a doutrina da Trindade era entendida da mesma forma que a doutrina modalista. Dessa forma, a única distinção entre as três pessoas da Divindade seria pelo nome ou pelo ponto de vista e, portanto, Fócio acusa os pensadores do ocidente de não distinguirem a causa comum da Trindade e as suas hipóstases. De acordo com Orphanos (1979, p. 1), Fócio afirma que há a causa comum da Trindade e as propriedades individuais da Trindade, e essas duas coisas não podem ser confundidas.

Para Fócio, dizer que o Espírito Santo procede do Filho significa que o Filho e o Pai são a mesma hipóstase. Isso não pode ser postulado como verdadeiro, pois, de acordo com o posicionamento do patriarca, a geração do Espírito Santo é uma capacidade particular da hipóstase do Pai, pois Ele é o princípio de todas as coisas. Fócio argumenta que “se o Filho é gerado do Pai enquanto o Espírito é gerado tanto do Pai quanto do Filho, então, porque as três hipóstases são iguais, o Espírito vai produzir, por sua vez, uma quarta hipóstase.” (CHADWICK, 1997, p. 154)¹⁸. No entanto, ele admite que o Filho só pode servir como gerador do Espírito Santo dentro da temporalidade, porém não na geração eterna.

Fócio entende que dizer que o Filho também gera o Espírito Santo, é desconsiderar o Pai e diminuir seu significado. Assim, a *Filioque* não distinguia a natureza comum da Trindade e confundia com a faculdade das hipóstases, sendo o Pai e o Filho a mesma hipóstase, o que se assemelha ao sabelianismo. Dessa forma, como o Espírito Santo é semelhante às outras hipóstases da Trindade, então, também tomaria parte na sua própria geração e seria capaz de criar uma quarta hipóstase e assim por diante. Para Fócio, esse pensamento está muito mais próximo do politeísmo, motivo pelo qual ele o critica tão avidamente.

Ademais, Fócio aponta na *Filioque* o subordinacionismo entre as hipóstases, pois, se o Espírito Santo é gerado pelo Filho, então deve ser inferior a Ele, o que é inaceitável para o patriarca. Como afirma ORPHANOS (1979, p. 4), “Enquanto o Pai e o Filho possuem a faculdade da processão do Espírito Santo, o Espírito Santo, apesar de sua igualdade com o Pai e o Filho, é desprovido da possibilidade de gerar o Filho e de vir dele mesmo.”¹⁹

¹⁸ Tradução da autora. “if the Son is begotten from the Father while the Spirit is from both Father and Son, then because the three hypostases are equal, the Spirit will in turn produce some fourth hypostasis”

¹⁹ Tradução da autora. “While the Father and the Son possess the faculty of the procession of the Holy Spirit, the Holy Spirit, despite his equality with the Father and the Son, is deprived of the possibility to beget the Son and to come out of Himself.”

Fócio escreve a *Mystagogia* em um período de tensão entre a Igreja Romana e a Igreja de Constantinopla. Portanto, a veemente crítica contra a *Filioque* pode, também, ser interpretada como uma afronta contra a autoridade romana e a supremacia da Igreja ocidental. Quase três séculos mais tarde, a *mystagogia* tornou-se conhecida pelo ocidente e se tornou um documento relevante durante o Grande Cisma. Consequentemente, essa crítica evidencia o caráter cismático de Fócio, pelo qual seria lembrado séculos depois de sua morte.

Assim, ao considerar a *mystagogia* de Fócio e sua objeção quanto à ideia de o Espírito Santo ser gerado pelo Filho, pode-se compreender mais efetivamente sua crítica ao pensamento de Orígenes. Um interessante paralelo entre as críticas feitas ao *Tratado sobre os princípios* e as críticas feitas contra a Igreja Romana e o Papa Nicolau I pode ser elucidado quando Fócio descreve o uso da *Filioque* pela Igreja Ocidental como ‘a maior blasfêmia’, assim como também diz que em sua obra, Orígenes “pronuncia numerosas blasfêmias ao falar que o filho é criado pelo pai enquanto o espírito pelo filho”.

Havia, ainda, outros motivos para Fócio criticar Orígenes e sua obra e, principalmente, sua visão sobre a Trindade. Entre Fócio e Orígenes se passam quase 600 anos e, durante esse período, muitas mudanças ocorreram na organização da Igreja Cristã, o que é explícito por meio dos sete concílios eucumênicos realizados. Esses concílios não serão detalhadamente examinados neste trabalho, porém devem ser mencionados, pois alguns deles são necessários para compreender o histórico por trás das críticas feitas contra Orígenes e como a Igreja interpretava seus pensamentos são eles: O Primeiro Concílio de Nicéia (325), mencionado anteriormente, o Primeiro Concílio de Constantinopla (381), em que o Espírito Santo foi reconhecido como a terceira pessoa da trindade e houve a condenação do arianismo e o Segundo Concílio de Constantinopla (556), no qual ocorreu a condenação de Orígenes, também já comentado.

Desse modo, as críticas de Fócio vão além de sua própria questão sobre a *Filioque*, mas também de acordo com o pensamento e condenação da Igreja de Constantinopla como instituição. Portanto, o pensamento de Fócio e suas opiniões estão alinhadas às condenações feitas por Justiniano e o Segundo Concílio de Constantinopla, que fazem de Orígenes um herético de acordo com a Igreja.

Em conclusão, no códice 8 confirma-se a visão, não apenas de Fócio, mas da Igreja Cristã sobre as ideias de Orígenes, que chegaram para eles de uma forma ou outra. Ademais, a resenha da obra de Orígenes discutida demonstra as ambiguidades sobre as versões e traduções feitas por seus seguidores e opositores, deixando dúvidas a respeito da veracidade das ideias ali apresentadas, assim como dos textos estudados e criticados.

Portanto, após ter sido investigado e analisado as críticas de Fócio e, também, as polêmicas quanto às traduções de *Tratado sobre os princípios* e a relação de Orígenes com a Igreja Cristã, é igualmente necessário procurar compreender o que Orígenes realmente defendia em relação a Trindade e quais são suas influências. Além disso, será analisada mais profundamente a crítica de Fócio à Orígenes e a Trindade, assim como as defesas feitas em seu favor, também encontradas na *Biblioteca*.

3. O Uno de Plotino e os apologistas

3.1 Orígenes e o neoplatonismo

Como visto no primeiro capítulo, Orígenes muito provavelmente estudou com Amônio Sacas, um dos fundadores do neoplatonismo e importante filósofo do século III. De toda forma, para além da polêmica sobre as reais identidades dos dois Orígenes (ou dos dois Amônios), é possível afirmar que o Orígenes cristão foi influenciado pelas ideias platônicas e tinha fortes afinidades com as ideias neoplatônicas que vigoravam em seu tempo.

A principal doutrina neoplatônica a ser discutida nesta monografia, e de maior relevância para a atual pesquisa, é a filosofia do uno-bem e das hipóstases, originada por Plotino e de grande relevância no século III. Este trabalho não se aprofundará em todos os detalhes e complexidades sobre essa corrente filosófica, mas a utilizará como instrumento para entender a ideia da Trindade no Livro I de *Sobre os Princípios*, já que tanto Plotino quanto Orígenes tiveram influências similares através do platonismo. Tendo isso em vista, será analisada brevemente a ideia de Plotino acerca do Uno, do Espírito e da Alma, assim como a doutrina trinitária de Orígenes.

Plotino também foi aluno de Amônio Sacas e de grande relevância para a fundamentação do Neoplatonismo. Plotino ingressa na escola de Amônio Sacas, em Alexandria, em 232 d. C, aos 28 anos de idade. Em 244 d.C, chegou à Roma e lá fundou sua escola. Porém, apenas começa a escrever seus tratados a partir de 254 d.C. Morreu em 270 d.C devido a um mal não identificado, sozinho e afastado da escola devido à doença. Sobre os detalhes de sua vida, a maior fonte vem dos relatos feitos por seu discípulo Porfírio na obra *A vida de Plotino*. Após a morte do mestre, Porfírio se encarrega, também, de organizar seus tratados.

As *Enéadas* são o conjunto de escritos deixados por Plotino e compilados por Porfírio. Nesses escritos, encontra-se um de seus pensamentos mais relevantes, não só para a sua própria escola, mas para toda a filosofia ocidental. Esse pensamento consiste que a realidade é constituída por três hipóstases: O Uno, o Espírito e a Alma. Antes de investigar melhor sobre elas, deve-se primeiro compreender o que seria uma hipóstase (ὑπόστασις)

O termo *hypostasis* possui diversos significados e traduções, entretanto, para este trabalho, será tratado mais atentamente o significado de *hypostasis* nas obras de Plotino e Orígenes. Plotino entende as *hypostasis* como ‘realidade’ ou ‘substância’ enquanto Orígenes

“é o primeiro escritor cristão a empregar o termo “hipóstase” em âmbito trinitário: tem o significado de *entidade individual*.”(MORESCHINI, 2013, p.146). Além disso, Orígenes é o primeiro teólogo cristão a usar o termo “hipóstases”²⁰ e, portanto, é também o “primeiro, na escola de Alexandria, a instituir uma teologia trinitária.” (MORESCHINI, 2013, p.146).

Para Plotino o Uno é o princípio de tudo, sendo qualquer ser formado apenas a partir da Unidade. Ou seja, na multiplicidade de seres, todos são essencialmente parte da unidade, do Uno. Entretanto, o Uno não é múltiplo, mas a causa para a multiplicidade. Plotino utiliza a imagem da Luz, seu exemplo mais famoso, para formular sua ideia. Nesse exemplo, o Uno é o centro de toda atividade, sendo “o pai do círculo e dos raios e deixa neles um traço de si mesmo” (REALE, 2014, P. 58). Portanto, o Uno é a luz verdadeira. Porém, aquilo que se propaga dela contém a mesma essência de sua fonte, ou seja, não é diferente dela, pois os raios que saem dela não são totalmente separados.

A infinitude plotiniana é atividade (ἐνέργεια), ato puro e supremo. Plotino pensa o Uno para além da οὐσία (essência), a ideia de acordo com Platão. Para Plotino, o Uno não pode ser delimitado. De acordo com REALE (2014, p.46-47) "entende-se a necessidade que sentia Plotino de pôr o Uno *acima do ser* e também, pelo mesmo motivo, *acima do pensamento*". O termo ὄν utilizado por Plotino é comumente traduzido por *ser*, entretanto seu sentido nem sempre é unívoco. Por isso, BRANDÃO (2015, p. 122) esclarece que “nas *Enéadas*, τὸ ὄν não é simplesmente aquilo que existe, mas aquilo que tem uma *ousía*, uma essência, determinada.”

Dessa forma, o Uno de Plotino vai além da finitude implementada nos pensamentos de Platão e Aristóteles, de quem inspirou-se para formular sua ideia. O Uno está “além do todo”. Assim, o Uno está além da compreensão humana, não tem nome, não pode ser conhecido. O Uno é aquilo que não se pode ver, acima de qualquer coisa e, ao mesmo tempo, formador de todas as coisas. Portanto, Plotino entende que o Uno é um não-ser²¹, pois é inatingível pelos demais seres, está além do Ser, portanto não pode ser um Ser. Desse modo, a

²⁰ O termo ὑπόστασις também aparece na bíblia na passagem de Hebreus 1,3: “ὁς ὢν ἀπαύγασμα τῆς δόξης καὶ χαρακτήρ τῆς ὑποστάσεως αὐτοῦ, φέρων τε τὰ πάντα τῷ ῥήματι τῆς δυνάμεως αὐτοῦ, καθαρισμὸν τῶν ἁμαρτιῶν ποιησάμενος ἐκάθισεν ἐν δεξιᾷ τῆς μεγαλωσύνης ἐν ὑψηλοῖς, 4τοσοῦτῳ κρείττων γενόμενος τῶν ἀγγέλων ὅσῳ διαφορώτερον παρ' αὐτοῦς κεκληρονόμηκεν ὄνομα.” (Tradução: “Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata **do seu Ser**, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.”)

²¹ *Enéadas* VI, 9, 3.

única forma de se poder ter um vislumbre do Princípio é através do Espírito ou Inteligência (voûς)²², a segunda hipóstase.

O Espírito é o reflexo da luz, que existe ao contemplar o Uno e, assim, traz o vislumbre dele. REALE (2014, p.61) explica que a “atividade do “voltar-se” para o princípio do qual cada uma das hipóstases deriva, para olhá-lo e para contemplá-lo” é um movimento essencial para a formação das hipóstases. Afinal, antes dessa atividade as hipóstases são apenas “alteridades”, como afirma Plotino, ou seja, antes de contemplá-lo são “um produto indeterminado e informe do Uno”. Portanto, apenas após a contemplação ao Uno, o Espírito é determinado. Segundo REALE (2014, p. 62):

Isso significa: a) o que o Uno produz não é mais Uno, mas Diade, já que o pensamento pressupõe o objeto do pensamento e, portanto, implica justamente uma dualidade; b) essa dualidade indeterminada se determina ulteriormente voltando-se para o Uno, gerando deste modo o mundo das Ideias e tornando-se assim, [...] Espírito.

A partir da duplicidade ocorrida, na qual primeiro se forma a substância do pensamento e depois o pensamento em si, surge o *múltiplo* ou a *multiplicidade das ideias*. Logo, o Espírito, o mundo inteligível é múltiplo, mesmo que em uma multiplicidade unificada, e isso ocorre pelo fato de o Espírito entender a si mesmo como múltiplo ao mesmo tempo que não realmente *via* o Uno, mas era orientado por ele, se saciando apenas por mover-se em torno Dele. Dessa forma, o Espírito é dado pelo Uno, a capacidade do conhecimento através da luz que provém do Uno.

Ademais, o Espírito também é Ser, abrange todos os seres (Ideias). Plotino compreende o Espírito como inteligência, e, portanto, subsiste em si mesmo, pois as “Ideias são a multiplicidade dos Seres inteligíveis.” (REALE, 2014, p. 67) Tendo isso em vista, é seguro afirmar que o Espírito não pode ser temporal nem ter corporalidade, mas sim uma vida imaterial, fora de qualquer espaço de tempo, assim, enquanto o Uno é transcategorial, o Espírito é incorpóreo. Ainda, é importante ressaltar que, mesmo o Ser e, conseqüentemente, as Ideias, sendo múltiplos, sua multiplicidade é una, pois sua multiplicidade é incorpórea e não pode ser entendida como partes ou divisões no sentido material, mas sim, diferenciação no sentido espiritual.

Desse modo, o Espírito é *potência infinita* e, por ser tal, pode gerar outra hipóstase, a Alma. Essa procede, primeiramente, pelo Espírito em si mesmo e depois pela atividade do

²² Na *República*, Platão entende a voûς como órgão de conhecimento no mundo visível (os olhos no mundo inteligível).

Espírito, que deriva algo diverso Dele, mas, ao mesmo tempo, semelhante. Entretanto, para a Alma ser determinada, assim como o Espírito contempla o Uno, a Alma vira-se para o Espírito e contempla-o. Assim, a Alma faz parte do Espírito, estando atrelada a Ele da mesma forma que uma criatura é nutrida pelo pai, de acordo com o exemplo de Plotino²³. Por isso, consegue ver o Uno por intermédio do Espírito, já que não há nenhum intermediário entre eles.

Tal como o Espírito, a Alma também é múltipla e una, sendo ela dividida entre a alma geradora do Universo, a Alma Universal, que gera o mundo sensível e as almas particulares, que animam os corpos pertencentes ao mundo sensível ao mesmo tempo que todas voltam para a Alma Única ou Universal. Além delas, há também a Alma suprema, pertencente ao mundo inteligível junto ao Espírito.²⁴ Assim, a Alma é a hipóstase, derivada do Espírito, mas que, por si mesma, também produz coisas distintas.

A Alma distinguindo-se do Espírito, consiste na habilidade de “produzir e dar a vida a todas as outras coisas que existem (ou seja, todas as coisas sensíveis), em ordená-las e governá-las” (REALE, 2014, p. 78). Portanto, pode-se chegar à conclusão que o Uno se faz Espírito para pensar, enquanto se faz alma para passar do imaterial, ou seja, do incorpóreo, para o mundo material (sensível). Então, as hipóstases não são diferentes entre si, mas todas são o Uno, a potência de tudo, expressas em realidades diferentes, de diferentes níveis dessa potência, mas que não se extinguem, e, sim, procedem a partir da permanência do anterior. O Espírito e a Alma são o Uno, pois procedem dele, mas não são o Uno, pois enquanto Ele permanece em si mesmo, dá sua potência para Eles.²⁵

A filosofia de Plotino a respeito do Uno e, conseqüentemente, a doutrina trinitária de Orígenes são inspiradas, em grande parte, pela teoria das Formas (Ideias) de Platão na *República*²⁶. Em sua obra, Platão, em vez do Uno ou Deus, acredita que o princípio mais elevado, a fonte de todas as coisas é o *bem*. Platão usa o mesmo exemplo que será, também, utilizado por Plotino e por Orígenes, ao representar sua ideia comparando a ideia do *bem* com a transmissão da luz, sendo o Sol a Ideia do Bem no mundo visível e a Luz, a verdade.

No *Tratado Sobre os Princípios*, Orígenes entende Deus como “acima do ser”, fora do tempo e, portanto, infinito. Assim como Plotino, Orígenes também segue essa mesma concepção acerca de Deus, sendo Sua Natureza inalcançável e incompreensível para a

²³ Enéadas V, I, 3.

²⁴ Enéadas VI, 4, 4.

²⁵ Enéadas V, 2, 2.

²⁶ 504 e - 509b

inteligência humana.²⁷ Orígenes chega à usar o mesmo exemplo de Plotino²⁸, por meio da interpretação de Salmos²⁹, comparando o Pai à Luz e seu Filho como reflexo dessa luz. Assim o Filho é Sabedoria e Palavra (λόγος) que permite ver o Pai, a Verdade. Além disso, Deus é o princípio de tudo, que não pode ser composto, múltiplo ou não-uno.³⁰

Dessa forma, pode-se ver a semelhança entre a relação das hipóstases do Pai e do Filho com o Uno e o Espírito. Orígenes segue seu raciocínio sobre a existência do Filho afirmando que esse não é produzido em algum momento ou tempo, mas que sempre existiu, sendo gerado eternamente pelo Pai. Portanto, não houve um período em que o Filho não existisse, mas provém do Pai por meio de geração eterna.

Como diz Orígenes, “essa geração eterna é como a radiação que vem da luz.”³¹. Assim, o Filho é gerado pela simples vontade do Pai, pois “a vontade do pai deve ser suficiente para fazer existir o que o Pai quer.”³² Tal qual o Uno de Plotino, Deus é uma atividade autoprodutora, seu poder vem de seu próprio poder e a existência ocorre por meio de sua vontade.³³ Pelas palavras de MORESCHINI (2013, p. 148):

Existiria, portanto, uma certa correspondência entre Orígenes e Plotino. Como o Filho unigênito, de Orígenes, a inteligência, de Plotino, é o primeiro objeto de contemplação, a verdade, e é apresentada como uma escada; e é sobre essa série de degraus que se põem tanto o Pai, de Orígenes, como o um-bem, de Plotino.

O conceito de um Pai gerador do universo e do Filho de Deus já era comum no pensamento grego, como afirma o próprio Orígenes.³⁴ Entretanto, o Espírito Santo é um conceito estabelecido apenas no Cristianismo, pois “Quanto ao ser substancial que é o Espírito Santo, ninguém pode ter dele a menor noção, a não ser aqueles que conhecem a Lei e os Profetas, ou que professam a fé em Cristo.” (*Tratado*, I, 3, 1)

Apesar de também receber sua existência do Pai, tal como o Filho, e, portanto, compartilhar da mesma substância, o Espírito Santo não compartilha das mesmas ações. O Pai e o Filho podem exercer seu poder sobre absolutamente todos os seres, até mesmo os sem alma e aqueles que não seguem Deus. Contudo, o Espírito Santo atua somente sobre aqueles que possuem alma, “agem no bem e permanecem em Deus.”³⁵

²⁷ Tratado sobre os princípios I, 1, 5.

²⁸ Tratado sobre os princípios I, 1, 1.

²⁹ Sl 35,10.

³⁰ Tratado sobre os princípios I, 1, 6.

³¹ Tratado sobre os princípios I, 2, 4.

³² Tratado sobre os princípios I, 2, 6.

³³ Tratado sobre os princípios I, 2, 9.

³⁴ Tratado sobre os princípios I, 3, 1.

³⁵ Tratado sobre os princípios I, 3, 5.

Dessa forma, o Espírito Santo só age nos santos,³⁶ ou seja, nos seres livres do pecado, purificados através da Palavra e, assim, dignos de perdão por seus atos indignos. Portanto, como esclarecido por Orígenes, a Trindade é a manifestação do mesmo Deus, porém de formas diferentes. Logo, Deus confere a existência; o Filho, a Palavra, proporciona a racionalidade; e o Espírito Santo santifica. Apenas dessa forma pode-se chegar à pureza e perfeição dignas de Deus.³⁷

Essa afirmação leva a compreender que Orígenes percebe a santificação pelo Espírito Santo em forma de graus, no qual se deve subir como uma escada para que os seres possam chegar a “uma intuição da vida santa e feliz”. Dessa forma, primeiro existem por causa do Pai, são feitos racionais mediante a palavra de Cristo e depois tornam-se santos por meio da graça do Espírito Santo.³⁸ Entretanto, Orígenes não entende as diferentes atribuições das hipóstases como uma questão de inferioridade. Pelo contrário, para Orígenes, “na Trindade, não há nenhuma separação, mas que o que é chamado dom do Espírito vem do ministério do Filho e é operado por Deus Pai.”³⁹

Apesar de não haver uma separação efetiva entre as hipóstases na doutrina de Orígenes, há graus de subordinação entre elas, sendo o Pai, o Criador, o centro de toda a potência infinita, fora do tempo. Ao estudar, também, a filosofia de Plotino, pode-se ter uma visão mais clara sobre as hipóstases da Trindade, principalmente a relação entre o Pai e o Filho, correspondentes ao Uno e a Inteligência. Quanto ao Espírito Santo e a Alma, não há paralelos, já que o Espírito Santo é um conceito visto apenas no Cristianismo. MORESCHINI (2013, p. 154) relata detalhadamente essa correspondência entre as ideias de Plotino e Orígenes, assim como sua principal diferença:

O um, de Plotino, é o Bem, e igualmente o Pai de Orígenes, é a bondade em si. A inteligência, contemplando o Bem, contempla os objetos inteligíveis que têm a forma do bem: para Orígenes, o Filho é a imagem da bondade do Pai, constantemente vive graças ao Pai, e isso significa a geração eterna do Filho. O Pai cria o Filho, com a sua mesma geração, o mundo inteligível. Mas se a inferioridade da segunda hipóstase plotiniana em relação à primeira é nítida, para Orígenes pode-se falar de subordinacionismo, não de inferioridade ou de diversidade

A partir dessa comparação, pode-se observar também as evidentes similaridades entre o pensamento dos dois autores sobre as hipóstases assim como suas características, responsabilidades e formações. Utilizam nomes diferentes e metodologias diferentes para

³⁶ Tratado sobre os princípios I, 3, 7.

³⁷ Tratado sobre os princípios I, 3, 8

³⁸ Tratado sobre os princípios I, 3, 8

³⁹ Tratado sobre os princípios I, 3, 7

constituírem seus pensamentos, porém bebem da mesma fonte, se inspirando nos pensamentos de Platão sobre o Bem.

Em resumo, nas ideias de Orígenes, a Trindade é pensada de forma bem parecida com o um-Bem de Plotino, especialmente a relação entre o Pai e o Filho. O Pai, assim como o Uno, é o princípio absoluto, causador de todas as coisas, acima de todos os seres e gera o Filho fora do Tempo. Esse, é, também, incorpóreo e infinito, que, assim como o Espírito (Intelecto) de Plotino, é determinado por contemplar o Pai e é a sua imagem, a Palavra que permite os seres racionais terem um vislumbre da luz. Ademais, assim como as hipóstases do Uno, todas as hipóstases da Trindade são geradas eternamente, fora do tempo. Portanto, Deus é indivisível e as hipóstases são superiores aos demais seres do universo.

Portanto, pode-se concluir que o pensamento de Orígenes foi inovador durante sua época, pois trouxe em sua bagagem intelectual as doutrinas já discutidas e examinadas na filosofia pagã para interpretar as Escrituras. Assim, pode-se entender o porquê de críticas tão exacerbadas da comunidade cristã, mesmo depois de séculos após a sua morte, mas, também, pode-se compreender que Orígenes, assim como qualquer pensador, era um homem de seu tempo e influenciado pelos pensamentos e discussões a sua volta.

Uma das maiores críticas de Fócio e de diversos opositores de Orígenes se volta ao subordinacionismo do Filho e do Espírito Santo, sendo a crítica de Fócio mais focada sobre sua opinião em relação ao Espírito Santo ser gerado pelo Filho. Críticos de Orígenes, tal como o imperador Justiniano, proferiram que o pensador cristão havia afirmado a inferioridade entre as hipóstases, já que o Pai tem o poder sobre todos os seres, seguido pelo Filho, o qual tem influência sobre todos os seres racionais e, em último, o Espírito Santo, responsável apenas por aqueles que são santificados. Ao examinar o pensamento de Orígenes, o subordinacionismo entre as hipóstases não pode ser totalmente ignorado e posto como uma falsa implicação dos anti-originistas.

Entretanto, a filosofia de Orígenes não é totalmente compreendida por Fócio e, até mesmo, os demais opositores de Orígenes. Como esclarecido, considerando as ideias de Plotino, as hipóstases derivadas do Uno não são inferiores à ele, ou seja, ainda são o Uno, porém atuam como diferentes realidades por meio da potência dada pelo Uno à elas. De forma similar, as pessoas da Trindade se manifestam de formas diferentes, porém são uma, tendo em vista que “Participar no Espírito Santo, e participar no Pai e no Filho, é uma só e a mesma coisa, porque a natureza da Trindade é una e incorporeal.”⁴⁰

⁴⁰ Tratado sobre os princípios IV, 4, 5

É importante destacar que ao decorrer da obra *Tratado sobre os princípios* de Orígenes, de acordo com a tradução de Rufino, não se encontra uma passagem afirmando a crítica de Fócio sobre a processão do Espírito Santo através do Filho. Logo, como não é certo que Fócio leu a tradução de Rufino (mas o que seria muito provável), não se sabe se, em outra tradução, encontra-se tal afirmação. Contudo, essa teoria serviria apenas para especulações que ainda não podem ser averiguadas. Por agora, pode-se assegurar que Orígenes não declara a geração do Espírito Santo pelo Filho.

Como mostrado ao longo deste trabalho, Fócio, assim como outros críticos de Orígenes, era um homem afetado pelas opiniões de seu tempo e influenciado pelas ideias impostas pela instituição que seguia, nesse caso, a Igreja Cristã (mais precisamente, a Igreja do Oriente). Há sim, como visto, a ideia de subordinacionismo entre as hipóstases nos pensamentos de Orígenes, entretanto, não condiz exatamente com a crítica feita no código 8. Como o Espírito Santo é a última hipóstase na hierarquia da Trindade, seguindo o Filho, Fócio pode ter interpretado como se o Espírito Santo fosse gerado apenas pelo Filho. Entretanto, tal afirmação não é encontrada em *Tratado Sobre os Princípios*.

Além disso, há outra questão sobre a obra de Orígenes que contribui para suas acusações de heresia por seus opositores. Orígenes afirmava que o Filho é o intermediário entre Deus e o mundo, pois ele é a Palavra que permite às criaturas racionais compreenderem os segredos da Sabedoria e o brilho que permite perceber a luz.⁴¹ Esse pensamento sobre a função de intermediário entre o Pai e a criação acabou por provocar a assimilação entre a doutrina da Trindade e o arianismo, como visto no capítulo anterior.

Apesar de certas afirmações de Fócio em sua crítica a respeito dos graus de subordinação na doutrina da Trindade não estar de todo equivocada, Fócio é equivocado ao dizer que Orígenes declara a processão do Espírito Santo pelo filho. Como visto ao decorrer do trabalho, é notório, por meio de sua crítica, que ele lê a obra de Orígenes persuadido pelo pensamento da Igreja e suas convicções acerca de Orígenes. Além disso, Fócio, tal qual outros opositores de Orígenes que vieram antes dele, não percebeu o caráter investigativo e exploratório de sua obra. Assim como seus outros críticos, acreditou que Orígenes teria proferido verdades absolutas contrárias à fé cristã e, não, teorias ou pensamentos que ainda estavam sendo formulados ao decorrer de sua obra e pela própria Igreja Cristã.

3.2. As apologias a Orígenes na *Biblioteca*

⁴¹ *Tratado sobre os princípios* I, 2, 7

No decorrer deste trabalho, as críticas acerca de Orígenes e sua obra, tal qual seus opositores foram tidos como um dos principais focos de análise. Isto posto, agora deve-se explorar, também, aqueles que o defenderam e contribuíram para a sobrevivência de sua obra, assim como sua história de vida. Para isso, alguns nomes devem ser destacados. São eles: Eusébio de Cesareia e Pânfilo.

Não se sabe muitos detalhes sobre a vida de Eusébio, porém sabe-se que veio de família cristã e foi bispo de Cesareia, cidade importante da Palestina, a partir de 315. Sobre sua educação, Eusébio teve como mestre Pânfilo, que o ministrou na tradição teológica de Orígenes. Por volta de 310, Eusébio também é perseguido durante a última e maior perseguição contra os cristãos, chegando a presenciar martírios em Tiro e fugindo para o Egito, onde fica preso por alguns meses. Um detalhe relevante sobre Eusébio é o seu apoio à Ario, fundador do Arianismo, doutrina comentada no segundo capítulo. Durante a discussão acerca do arianismo, Eusébio procurou mediar os conflitos entre os pais da igreja, o que o fez ser condenado pelo Concílio de Antioquia (341 d. C). Por causa desse apoio, acredita-se que muitas de suas obras tenham sido extintas, assim como ocorreu com Orígenes.

Sua obra mais celebrada é, sem dúvidas, a *História Eclesiástica*, de suma importância para os estudiosos do Cristianismo na Antiguidade Tardia e os primeiros séculos da Igreja. A *História Eclesiástica* é formada por dez livros, sendo os primeiros sete, muito provavelmente escritos antes de 303, os quais discorrem sobre diversos temas sobre a Igreja e os três livros seguintes sobre acontecimentos que aconteciam em seu tempo. A edição final com os dez livros foi publicada entre 311 (os primeiros nove livros) e 325 (o décimo livro).

Em *História Eclesiástica*, encontram-se extensos relatos sobre a biografia de Orígenes, desde seu nascimento até suas relações conturbadas com a Igreja. Esses relatos também são descritos como opiniões de caráter apologético, como pode ser visto quando Eusébio defende Orígenes das críticas e opiniões sobre sua educação feitas por Porfírio em *Contra os Cristãos*. Ademais, Eusébio, junto a Pânfilo, escreve separadamente uma apologia para Orígenes.

Pânfilo nasceu em 240 d.C, nativo da região onde hoje em dia é Beirute. Foi aluno de Piério em Alexandria, o qual lhe ensinou as doutrinas de Orígenes e o influenciou positivamente. Ele também atuou como mestre em uma escola em Cesareia, provavelmente na qual Eusébio frequentou e foi seu discípulo. Durante a perseguição contra os cristãos em Tiro, promovida pelo imperador Daza, Pânfilo escreve a *Apologia de Orígenes* com a ajuda de Eusébio. A 'Apologia' é constituída de seis livros, cinco escritos por Pânfilo, sendo o

sexto escrito por Eusébio, após seu martírio. Destes livros, apenas o primeiro livro sobreviveu, através da tradução latina de Rufino de Aquileia, feita durante o período de sua polêmica sobre Orígenes. Assim como as problemáticas retratadas sobre sua tradução de *Tratado Sobre os Princípios*, também têm problemas sobre a exatidão de sua tradução.

Essa *Apologia* também se encontra na *Biblioteca* de Fócio, no códice 118. A resenha concentra-se em descrever como a *Apologia* foi escrita, informações sobre seus autores, especialmente Pânfilo e seu conteúdo, a biografia de Orígenes. Ao contrário do códice 8, não se encontram opiniões de Fócio a respeito de Orígenes e suas obras, mas o patriarca concentra-se em fazer uma análise majoritariamente descritiva da obra de Pânfilo e Eusébio, além de comentar sobre como e em que circunstância foi escrita a apologia. Entretanto, há, ainda, outro códice relevante sobre Orígenes na Biblioteca e que também se concentra em defendê-lo, o códice 117

Esse códice examina uma obra apologética em defesa de Orígenes escrita por um escritor anônimo. Já no início da resenha, Fócio denomina a obra como “uma obra sobre Orígenes e sobre suas crenças odiosas a Deus”, reiterando sua crítica já estabelecida no códice 8. Em seguida, comenta sobre a qualidade do texto lido, que não é muito boa, pois o texto é escrito de forma um tanto confusa. A obra utiliza como defensores de Orígenes seu mestre Clemente, Demétrio e, principalmente, Eusébio e Pânfilo.

Nesse mesmo códice, Fócio aponta um detalhe relevante: as defesas apresentadas pelo autor não são direcionadas, majoritariamente, às “acusações” feitas, mas sim às “imputações”. Ou seja, o autor se concentra nas críticas causadas pelos seguidores das ideias de Orígenes, que não necessariamente respeitam seu pensamento e criam novas ideias a partir do original. Também foca naqueles que criticam Orígenes devido a leituras mal feitas ou descontextualizadas e interpretações mal sucedidas sobre seus escritos.

Como visto anteriormente, esses erros foram extremamente significativos para a construção das críticas e eventual condenação de Orígenes no concílio de Constantinopla. O próprio Rufino, responsável pela única tradução sobrevivente do *Tratado Sobre os Princípios*, fez alterações na obra de Orígenes de acordo com o que ele mesmo acreditava ser heresias.

Ademais, Fócio repete algumas de suas opiniões já abordadas no códice 8, como se pode ver na seguinte passagem do códice 117:

Sendo assim, nem mesmo este autor se desvencilhou completamente das opiniões blasfemas de Orígenes. Ele, de fato, está de acordo com Orígenes sobre a pré-existência da alma, dando suporte a essa tolice, de acordo com o que crê, com

citações de passagens das Escrituras e dos Pais da igreja; e introduz a ideia de que as almas se apropriam de outros corpos.

Como pode-se observar, Fócio novamente comenta sobre as metempsicoses, uma das principais críticas proferidas por ele no códice 8, descrevendo como uma “coisa absurda e cheia de impiedade”. O conceito de metempsicoses, usualmente defendida no platonismo, defende a transmigração das almas de um corpo para o outro. A doutrina de Orígenes sobre a pré-existência da alma é relacionada com o conceito de metempsicose da filosofia plotiniana (platônica) e foi criticada no meio cristão, como pode ser confirmado pela crítica impetuosa de Fócio. Alguns séculos depois da composição da *Biblioteca*, nos Concílios de Lyon (1274) e Florença (1439), essa doutrina foi condenada, pois as almas deveriam ir para o céu, inferno ou purgatório e não poderia haver reencarnação.

A Trindade também é abordada neste códice, porém de um ângulo diferente ao apresentado no códice 8. Observa-se no seguinte trecho⁴²:

No que diz respeito a Santa Trindade, ao invés, o autor não faz nenhuma afirmação falsa. Além do mais, diz que Orígenes não professou nenhum erro doutrinal a respeito da Trindade, mas para opor-se à heresia de Sabélio, que difundia muitos males em seu tempo, e para esforçar-se em colocar em relevo a divisão entre as pessoas da Trindade e as suas múltiplas diferenças, assim sendo, ele foi conduzido ao oposto de modo a parecer ter abraçado também prematuramente a heresia ariana.

De acordo com o trecho acima, pode-se ver o contexto em que Orígenes escreve sobre a doutrina Trinitária, usando-a como forma de oposição ao Monarquianismo. Sabélio (século II d.C), mencionado no códice, é o líder do sabelianismo, forma modalista do monarquianismo. Como já observado no segundo capítulo, dentro do monarquianismo havia três doutrinas, entre elas o modalismo, o qual nega a existência da trindade e sua separação. Além disso, afirma que havia apenas uma divindade, na qual as distinções eram transitórias e apenas ocorriam por meio das sucessões de modo e operação.

O sabelianismo entende a Trindade como etapas. Ou seja, ele percebe a Trindade por meio do tempo, em forma diacrônica. Portanto, para Sabélio, a Trindade ocorre como uma evolução, pois “Deus teria agido como Pai no momento da criação e da consignação da Lei. Com a encarnação teria cessado de ser Pai e, até a ascensão, agido como Filho. Enfim, a partir do momento em que subiu aos céus, seria ativo como Espírito.” (ORÍGENES, 2014, p. 16)

Em contraponto, Orígenes defendeu que a Trindade ocorre fora da temporalidade e, portanto, é uma realidade atemporal. Como visto anteriormente neste capítulo, a Trindade é

⁴² Traduzido do italiano pela profa. Dra. Simone Bondarczuk.

semelhante ao Uno de Plotino quanto à concepção da geração eterna das hipóstases, já que a geração eterna é indivisível e o Deus é uno. Enquanto que, na temporalidade há sucessão, pois no tempo há diacronia. Assim, pode-se compreender melhor o porquê do movimento modalista ser considerado herético.

Dessa forma, para as ideias de Orígenes combaterem essa doutrina, a imagem das pessoas da Trindade e sua divisão tomaram maiores proporções do que a doutrina realmente defendida por Orígenes. Essa atenuação do subordinacionismo da Trindade de Orígenes, direcionada para apenas um aspecto da doutrina, levou à comparação e assimilação entre a Trindade e o arianismo, também já discutido neste trabalho.

Portanto, por meio do parágrafo acima, comprova-se a relevância do contexto histórico no qual as ideias de Orígenes foram difundidas e, também, expõe os principais motivos para a sua condenação. Sua ligação com o arianismo é, principalmente, atribuída à sua contrariedade com o monarquianismo, porém a correlação não pode ser provada verdadeiramente. A doutrina da Trindade, introduzida pela primeira vez no cristianismo por Orígenes, é muito mais complexa, como visto, previamente, em sua análise. Entretanto, ao decorrer dos séculos, muitos dos discípulos de Orígenes, assim como seus opositores, incluindo Fócio, incubiram-no de diversos pensamentos, que não estão presentes em suas obras originais, de acordo com seus próprios ideais.

Contudo, é interessante examinar a receptividade de Fócio para ler e escrever sobre as apologias feitas à Orígenes, mesmo mantendo suas opiniões contrárias aos pensamentos atribuídos ao alexandrino. Compreende-se, então, que ele não se negava a mostrar diferentes posições acerca das polêmicas envolvendo Orígenes. Esse fato reafirma, mais intensamente, a importância de Fócio para o estudo de literatura de antiguidade e para o estudo da crítica literária. Fócio não ignora os dois lados da polêmica entre o originismo e a Igreja, mas lê e resenha criticamente sobre as defesas feitas a favor de Orígenes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível a importância das obras de Fócio e Orígenes, não só para o Cristianismo, como também para a história e literatura da Antiguidade Tardia. Fócio e Orígenes escrevem em épocas diferentes da formação do pensamento da Igreja Cristã, fato que atrapalha a comunicação entre suas ideias. Apesar da diferença entre os séculos e o

estabelecimento do Cristianismo, assim como suas doutrinas, a Trindade continuou a ser motivo para debates e questionamentos, e permanece sendo até os dias atuais.

Entretanto, pôde-se observar, neste trabalho, que a opinião de Fócio sobre a processão do Espírito Santo no *Tratado Sobre os Princípios* não corresponde com o que é afirmado por Orígenes. Tendo em vista a pesquisa realizada, isso pode ter ocorrido de duas maneiras.

A primeira possibilidade é Fócio ter tido acesso a outra edição da obra de Orígenes, o que explicaria a divisão diferente de conteúdos nos 4 livros do *Peri archōn* em sua resenha no códice 8. Nessa edição, pode ter sido escrito algo sobre o Filho tomar parte na geração do Espírito Santo ou algo semelhante que tenha levado a essa conclusão. Como visto, durante os séculos entre a produção da obra de Orígenes e a *Biblioteca* de Fócio, muitos escritos de Orígenes foram modificados (por apoiadores e opositores) e a maior parte de seus livros originais foram extintos devido a sua condenação no Segundo Concílio de Constantinopla.

A segunda possibilidade é que Fócio tenha lido a edição de Rufino, a única versão que temos hoje. Porém, por ter sido influenciado pela condenação de Orígenes e sua assimilação com o arianismo, tenha interpretado seu texto de forma que se alinhasse com suas próprias opiniões. Levando em conta sua batalha contra a *Filioque*, é possível que também tenha relacionado a heresia da geração do Espírito Santo pelo Filho à obra do Alexandrino.

Qualquer que seja a verdadeira causa para a sua crítica, pode-se afirmar, por meio da tradução de Rufino, que Orígenes em nenhum ponto do *Tratado sobre os princípios* afirma a participação do Filho na geração do Espírito Santo. De fato, há em seu pensamento a ideia de subordinação entre as hipóstases, o que é agravado por seus opositores ao associá-lo com a doutrina ariana. Entretanto, apesar de ter sido influenciado pelas ideias de Plotino sobre o Uno e as *hypostasis*, Orígenes mantém-se fiel ao que está nas Escrituras e usa seu conhecimento filosófico como instrumento para interpretá-las, mas sem alterar seu significado.

Por fim, considerando também os códices 117 e 118 da Biblioteca sobre as apologias feitas para Orígenes, reconhece-se a importância de Fócio como crítico literário e erudito. Mesmo se opondo à maior parte das defesas feitas a Orígenes, Fócio as lê e entende o valor delas para compreender o pensamento de Orígenes e mostra o seu comprometimento como estudioso, tanto que se propõe a escrever as resenhas aqui discutidas. Dessa forma, comprova-se o valor da *Biblioteca* para os estudos clássicos e, igualmente, para a história da crítica literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, B. O absoluto e a unidade: a descoberta do Um na Enéada VI, 9 de Plotino. **Ética e filosofia política**, Juíz de Fora, v. 2, n. 18, p. 119-29, dez. 2015.
- CHADWICK, Henry. **East and West: The Making of a Rift in the Church: From Apostolic Times until the Council of Florence (Oxford History of the Christian Church)**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- CROSS, F. L. **The Oxford dictionary of the christian church**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. Tradução de João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2014.
- DUARTE, Adriane de Silva et al. **Dicionário grego-português: DGP**. . Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. Tradução de Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.
- FOZIO; BIANCHI, Nunzio; SCHIANO, Claudio. **Biblioteca**. Pisa: Edizioni della Normale, 2019.
- MORESCHINI, Cláudio. **História da filosofia patrística**. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- OCHOA, José A. La terminología del libro en la *Biblioteca* de Focio: libro físico y obra literaria. *Accademia Peloritana dei Pericolanti Classe di Lettere Filosofia e BB. AA*, Messina, v. 66, n. 1, p. 113-128, mar. 1990.
- ORPHANOS, M. A. The Procession of the Holy Spirit according to Certain Greek Fathers. **Teologia**. Atenas, 1979.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- PLOTINO. **The Enneads**. Tradução de George Boys-Stones, John M. Dillon, Lloyd P. Gerson, R.A.H. King, Andrew Smith, James Wilberding. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

REALE, Giovanni. **Plotino e o Neoplatonismo** (História da filosofia grega e romana Vol. 8). 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

WILSON N. G. **Scholars of Byzantium**. Londres: Gerald Duckworth & Co Ltd, 1983.